

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Setembro - 2019
Ano LXX - Nº 7
R\$ 6,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00

DISTOPIA VS UTOPIA

- ▶ Braulio Tavares fala sobre Ficção Científica: o boom das reedições e os desafios da tradução
- ▶ Editor responsável por trazer a FC ao Brasil, Gumerindo Rocha Dória tem perfil assinado pelo escritor Roberto de Sousa Causo

GIRA mundo



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

Os destinos do Gira-mundo



2010

50 estudantes - Canadá
3 professores - Canadá
20 professores - Finlândia

2017

50 estudantes - Canadá
25 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
55 Professores - Finlândia

Próximo destino:

100 estudantes - Canadá
50 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
25 estudantes - Argentina
80 professores - Finlândia
20 professores - Israel



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Ficção espelha a realidade

Praticamente todo grande clássico da Ficção Científica teve, pelo menos, uma reedição nos últimos dez anos. São obras fundamentais não só para o gênero, mas capazes de traduzir o mundo segundo o olhar aguçado de seus autores. Afinal, como nos ensina Braulio Tavares na entrevista exclusiva que você irá ler nas próximas páginas, a FC é um reflexo do que acontece hoje, não importa se sua narrativa se passa em outros planetas ou em algum futuro distante.

Esse “boom” chamou nossa atenção para que nós buscássemos no próprio Braulio, e também em outros dois nomes fundamentais para a FC brasileira - Gumercindo Rocha Dorea e Roberto de Sousa Causo - uma maneira de explicar ao leitor o que é esse objeto muitas vezes não identificado, que fala de seres de outros mundos e viagens intergalácticas, mas também de distopias, utopias, colo-

O mundo real nunca foi tão “Ficção Científica” como agora, seja na esfera política, social, na maneira como nos relacionamos enquanto sociedade.

nização, opressão, perda da individualidade etc.

O mundo real, e de maneira geral, nunca foi tão “Ficção Científica” como agora, seja na esfera política ou social, na maneira como nos relacionamos enquanto sociedade, online ou off-line, ou ainda

como encaramos o futuro do nosso próprio planeta.

Braulio Tavares explica as diferenças entre utopia e distopia; conta os desafios de traduzir uma obra de ficção científica e arrisca dizer porquê a Ficção Científica anda tão em alta. Causo, outro celebrado escritor e tradutor de livros de FC, reverencia a atuação do editor Gumercindo Rocha Dorea, o responsável por popularizar a FC no Brasil. Mais que isso: o verdadeiro pai da Ficção Científica Brasileira.

Esta edição que você tem em mãos ainda traz o mais completo perfil já publicado do escritor, poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho e uma análise da poética de Lourdes Ramalho, reconhecida escritora e dramaturga que nos deixou neste mês de setembro, aos 99 anos.

O editor

editor.correiodasartes@gmail.com

índice



ENSAIO

Uma análise da poética de Lourdes Ramalho, reconhecida escritora e dramaturga paraibana que morreu neste mês de setembro, aos 99 anos.



MÚSICA

O Quinteto da Paraíba está fazendo 30 anos. Aqui você vai conhecer a trajetória deste, que é um dos grupos mais prestigiados Brasil.



PERFIL

A relação do escritor, poeta e crítico Hildeberto Barbosa Filho com os livros, em um perfil de fôlego do jornalista Marcelo Abreu.



GALERIA DE ARTE

Neste número, vamos conhecer uma premiada obra do artista paraibano Domingos Sávio, autor, também, da capa da edição deste mês.



OUIDORIA:
99143-6762



Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Maria Eduarda dos Santos Figueiredo
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Phelipe Caldas
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

André Cananéa
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
Arte da Capa

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

FOTO: CHRISTINE EVELISE

"O LEITOR DE FICÇÃO
NO BRASIL, HOJE,
é o que vê
cinema
e Netflix"



Paraibano de Campina Grande, Braulio Tavares tem escrito e traduzido grandes clássicos da ficção científica para o português e é nome obrigatório em qualquer conversa sobre o gênero

Uma conversa com o escritor e tradutor Braulio Tavares sobre Ficção Científica, distopia, o papel dos editores e a importância da leitura, já que os livros têm sido trocados por filmes e séries de TV

André Cananéa
andrecananea2@gmail.com

FOTO: DIVULGAÇÃO

"Distopia é o contrário de utopia. Utopia é um lugar de sonho; distopia é um lugar de pesadelo. Utopia é tudo que um escritor queria que o mundo fosse, aquele mundo ideal, maravilhoso que ele descreve. Uma distopia é o contrário disso, é um lugar onde só acontecem coisas ruins, que podem ser de mil maneiras diferentes". O conceito é de um dos nomes mais festejados da Ficção Científica no Brasil, o escritor, poeta, letrista e tradutor Braulio Tavares.

Em entrevista ao Correio das Artes, ele anota que o curioso desse subgênero da Ficção Científica (FC, como dizem os fãs) é que a utopia de uns é a distopia de outros. "Por exemplo: algumas pessoas podem achar que um mundo totalmente regido e governado por máquinas é um lugar maravilhoso, que as máquinas fazem tudo para nós, e nós ficamos somente tomando suco de maracujá, deitados na grama, na beira do rio, tomando sol. Outras pessoas podem achar que não, que quem tem que fazer tudo não são as máquinas, somos nós mesmos", ilustra.

"De um modo geral, quando dizemos que, agora, o Brasil virou uma distopia é porque virou um lugar de pesadelo, já que a utopia é um lugar de sonho. Mas são dois lugares que, como regra geral, não existem. Existem apenas como modelos literários", arremata o autor de *Sete Monstros Brasileiros* (Leya) e *Histórias Para Lembrar Dormindo* (Casa da Palavra).

É impossível tratar de Ficção Científica, no Brasil, sem conversar com Braulio. Paraibano de Campina



"De um modo geral, quando dizemos que, agora, o Brasil virou uma distopia é porque virou um lugar de pesadelo, já que a utopia é um lugar de sonho"

► Grande, radicado há décadas no Rio de Janeiro, ele passou de leitor voraz de obras de FC para se tornar autor e tradutor requisitado de obras desse segmento. “Eu entrei na FC através da literatura, lendo Júlio Verne, H.G. Wells, (Arthur) Conan Doyle e muitos outros escritores da ficção científica clássica. O leitor de FC, hoje, no Brasil, é jovem que vê cinema, vê séries, vê Netflix, ou seja, entra na FC através da imagem em movimento”.

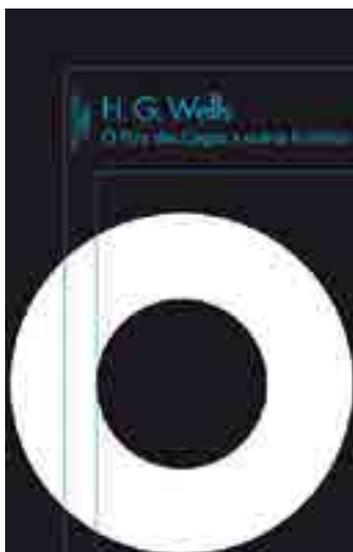
Para Braulio, os apreciadores de FC que, por ventura, venham a se arriscar no campo da criação literária sem, contudo, buscar na literatura a matéria-prima para suas próprias histórias, não conseguem se tornar grandes autores. “São pessoas sem formação literária, que não leram literatura, mas que querem usar a literatura nas histórias que eles viram no cinema e na TV. Isso, para mim, é um problema muito sério e é por isso que eu digo às pessoas que sou aquele velho chato que fica dizendo: Leiam literatura! Leiam Conan Doyle, que escreveu (romance) policial; leiam Edgar Allan Poe, que escreveu policial, ficção científica, terror... isso que vocês gostam”.

Para ele, o público mais jovem tem assimilado as narrativas através da imagem em movimento, colocando os livros de lado e, dessa forma, deixando de compreender o domínio da técnica e da frase literária. “O domínio de frase que eles têm vem dos quadrinhos e, aqui para nós, os quadrinhos brasileiros, em geral, são muito mal traduzidos”, comenta o escritor, que vez ou outra mergulha nas HQs estrangeiras traduzidas e editadas no Brasil, mas não consegue passar da metade do gibi. “São erros e linguagens inadequadas o tempo todo. Isso é um desserviço muito grande que se presta à literatura”, desabafa.

O BOOM DA FC

Braulio Tavares arrisca dar um palpite sobre a razão do mercado editorial brasileiro está vivendo um *boom* de ficção científica. Afinal, praticamente todo grande clássico de FC ganhou uma reedição nos últimos dez anos.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Três trabalhos de tradução que Braulio Tavares fez, todos livros escritos por H.G. Wells: o bom tradutor de FC tem que ter familiaridade com a ciência

“Eu acho que é pelo seguinte: nós temos, hoje, uma geração de editores de FC, na faixa dos 45, 50 anos, até um pouco mais, que já leem FC desde a infância. Eles foram expostos àquela primeira onda da FC que houve nos anos 1960. Algumas pessoas dessa geração se tornaram escritores mas, de modo ainda mais importante, outros se tornaram editores. E são essas pessoas que estão, hoje, publicando FC”, responde.

Ele cita os editores por trás de companhias como Aleph, Devir e Draco. “São os caras que são fãs de FC, na adolescência e que hoje estão fazendo duas coisas que eu considero muito importantes: traduzindo a FC clássica dos anos 1940, 1950, 1960, e a FC contemporânea, com autores como William Gibson e Phillip K. Dick”, comenta.

Ele também lembra que editoras menores têm investindo em antologias sobre FC somente com autores brasileiros. “Essas antologias são importantíssimas, porque nós temos um mercado no qual não existe a revista de ficção científica, o *pulp magazine* que havia nos EUA e que sempre foi a janela de revelação dos novos autores, desde os anos 1930. Aqui, esse papel está sendo suprido pelas antologias de FC que tem sido lançadas por editoras pequena. Esses editores têm um papel nesse *boom*, porque são eles que são fãs de FC e estão publicando autores de sua própria geração, ou autores mais jovens, revelando novos nomes”.

O próprio Braulio organizou antologias do gênero, como *Contos Fantásticos No Labirinto de Borges*, que reúne escritos de Ray Bradbury, H.G. Wells, Edgar Allan Poe, entre outros, e *Páginas do Futuro* (ambas lançadas pela Casa da Palavra), com 12 contos de literatura fantástica escrita só por brasileiros, como Rachel de Queiroz e Fausto Fawcett.

TRADUÇÃO

Tradutor de clássicos do quilate de *A Máquina do Tempo* (Suma) e *O Homem Invisível* (Alfaguara), ambos de H.G. Wells, *O Tempo Desconjuntado* e *Espera* ►

► *Agora Pelo Ano Passado*, ambos de Philip K. Dick (e lançados pela Suma), Braulio também comenta as necessidades que a tradução de uma obra de FC exige.

“Em primeiro lugar, ela usa muitos termos da ciência que precisam ser bem compreendidos pelo cara que está escrevendo, assim como pelo cara que está traduzindo e, em terceiro lugar, por quem está lendo. Então tem que ter, sim, uma certa familiaridade com a ciência”, comenta, antes de ponderar: “Se bem que essa necessidade varia de autor para autor, porque alguns autores, como eu, por exemplo, usam a ciência de uma maneira muito superficial, como um pretexto, e a história real se desenvolve em outro plano”.

Mas o escritor/tradutor paraibano não abre mão da necessidade de um tradutor que conheça os jargões científicos ao se deparar com uma obra de ficção científica em outra língua. “A FC produziu um grande número de palavras que tem um significado em um contexto, e outro significado em outro. O mais conhecido é ‘robô’. O robô é uma palavra, se eu não me engano, de origem tcheca e que quer dizer ‘escravo’. Na FC, ganhou o significado de ‘homem metálico’, ou ‘maquina humanoide que executa ordem’. Então palavras assim têm um sentido muito específico na FC e precisam ser bem compreendidas. Quando as pessoas não entendem de que maneira essas palavras são usadas no texto, isso dá problema”, adverte.

Braulio também lembra que muitos autores de ficção científica são, também, cientistas e utilizam muitas especulações do ramo da ciência em seus escritos. “O vocabulário tem que ser muito bem compreendido pelo tradutor, afinal, de acordo com o estilo ou com a história, o tradutor dá, ou não, explicações sobre o termo que ele está utilizando”, acrescenta.

ESPELHO ÀS AVESSAS

Braulio Tavares entende que as obras de ficção científica cos-

FOTO: DIVULGAÇÃO



Cosplay: Braulio vestido como um dos personagens do seminal livro 'Laranja Mecânica'; 'Mesmo quando a FC fala de um futuro imaginário ou um planeta distante, ela reflete os dramas do momento. É um espelho às avessas'.

tumam refletir os tempos atuais de um povo, de uma nação. “A FC sempre é sobre o momento presente. Mesmo quando ela fala de um futuro imaginário ou um planeta distante, ela reflete os dramas do momento ou uma fuga do escritor aos dramas do momento. É um espelho às avessas. Então você vê muita FC escrita durante a 2ª Guerra Mundial que não fala de guerra, mas de problemas intimistas, ou de utopias, e assim por diante. Reflete o momento presente de uma maneira invertida”, conceitua.

O escritor paraibano tam-

bém refuta a ideia de que possa existir uma única obra capaz de traduzir a década em que vivemos. “Não existe uma grande obra que, por si só, dispense a leitura de todas as outras. Um erro que existe entre as pessoas que não são da comunidade de FC é dizer assim: Qual o livro de FC que resume esses últimos dez anos e que, lendo-o, eu não preciso ler o resto? Não existe! Como não existe algo assim na literatura *mainstream* também. Qual é o livro da literatura mundial, *mainstream*, que eu preciso ler para não precisar ler nada do que foi escrito nos EUA, na França, na Itália, na Inglaterra, na Rússia, no Japão e ou no Brasil nesses últimos dez anos? Não existe esse livro, o que existe é a necessidade de você ler a maior quantidade possível de livros para ver o diálogo entre essas obras, para ver como umas respondem às outras, ou como elas, em conjunto, respondem aos problemas do planeta, ou do seu país de origem. Acontece com a FC o que o professor Raymond Cantel (1914-1986), aquele francês que pesquisava cordel, falava do cordel: é uma leitura quantitativa. Não basta você ler *O Romance do Pavão Misterioso* e sair dizendo que entende o que é cordel. Não entende! Afinal, o cordel não é *O Romance do Pavão Misterioso*. É um conjunto de obras”, ensina.

E arremata: “A pessoa de fora da comunidade de FC já tem muita coisa para ler e os críticos literários dizem muito isso, no mundo inteiro: ‘Ah, eu já tenho dezenas, centenas de livros para ler todo ano e vou ter que ler 40 obras de FC durante o ano para poder tomar pulso da literatura de ficção científica? Infelizmente, vai! Ou faz isso, ou não entende”. ◀

André Cananéa é jornalista, com mais de 20 anos de atuação na imprensa escrita. Integrou os cadernos de cultura do *Correio da Paraíba*, *O Norte* e por 15 anos, editou o *Vida e Arte* do *Jornal da Paraíba*. Atualmente é o editor do *Correio das Artes*. Mora em João Pessoa.

Cinco

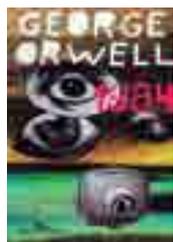
obras de ficção

QUE ESPELHAM SOCIEDADES, REGIMES E COMPORTAMENTOS



ADMIRÁVEL MUNDO NOVO (BIBLIOTECA AZUL, EDIÇÃO DE 2014)

Lançado originalmente em 1932 e ambientado lá por 2540, este romance distópico de Aldous Huxley é “incontornável para quem procura um dos exemplos mais marcantes da tematização de estados autoritários, ao lado de 1984, de George Orwell”. Ao apresentar o cotidiano de uma sociedade organizada exclusivamente por princípios científicos, a narrativa critica a sociedade racional capitalista, tecnológica e industrial. Em 1988, inspirou um obscuro filme homônimo estrelado por Leonard Nimoy (da série *Star Trek*). Por outro lado, está sendo feita uma série baseada na obra, prevista para estrear em 2020.



1984 (CIA. DAS LETRAS, EDIÇÃO DE 2009)

Romance distópico publicado pela primeira vez em 1949, se passa em uma sociedade completamente dominada pelo Estado, onde ninguém escapa à vigilância opressora do “Grande Irmão”. É nesse ambiente que um homem recebe a tarefa de perpetuar a propaganda do regime através da falsificação de documentos públicos e da literatura, com o objetivo de que o

governo sempre esteja correto no que faz. Desiludido, ele dá origem a uma rebelião contra o sistema, em uma obra que impõe uma poderosa reflexão sobre a essência de qualquer forma de poder totalitário. Rendeu dois filmes homônimos bem conhecidos. O primeiro, em 1956, foi dirigido por Michael Anderson e traz no papel principal Edmond O'Brien; o segundo, de 1984, tem na direção Michael Radford e é estrelado por John Hurt e Richard Burton.



FAHRENHEIT 451 (BIBLIOTECA AZUL, EDIÇÃO DE 2012)

Romance distópico escrito por Ray Bradbury e lançado em 1953, narra a atuação de um governo totalitário, em um futuro incerto, que proíbe qualquer livro ou tipo de leitura, prevendo que o povo possa ficar instruído e se rebelar contra o sistema. Tudo é controlado com mão de ferro e as pessoas só têm conhecimento dos fatos por aparelhos de TVs instalados em suas casas ou em praças ao ar livre. A leitura deixou de ser meio para aquisição de conhecimento crítico e tornou-se tão instrumental quanto a vida dos cidadãos, suficiente apenas para que saibam ler manuais e operar aparelhos. Deu origem a dois filmes homônimos, um de François Truffaut, em 1966, e outro, mais recente, de Ramin Bahrani, lançado em 2018.



ANDROIDES SONHAM COM OVELHAS ELÉTRICAS? ALEPH, EDIÇÃO DE 2017)

Romance escrito por Philip K. Dick e lançado em 1968 narra a crise moral de Rick Deckard, um caçador de recompensas que persegue androides numa San Francisco pós-nuclear, com a finalidade de obter dinheiro para comprar um animal de verdade, símbolo de ostentação em um ambiente em que a grande maioria da população só pode adquirir um animal elétrico. A motivação é diferente da adaptação feita pelo diretor Ridley Scott para o cinema em 1982. O enredo do livro levanta questões filosóficas profundas sobre a natureza da vida, da religião, da tecnologia e da própria condição humana.



O CONTO DA AIA (ROCCO, EDIÇÃO DE 2006)

Este romance distópico escrito pela canadense Margaret Atwood e lançado originalmente em 1987 se passa em uma república nominada de Gilead (onde um dia foram os Estados Unidos), um Estado teocrático e totalitário, em que as mulheres são anuladas por uma opressão sem precedentes e não têm direito algum. Homossexuais, viúvas e feministas são condenadas a trabalhos forçados nas colônias, enquanto as aias só existem para procriar, sob forte vigilância do governo. Se tornou uma das séries mais badaladas dos serviços de streaming.

Gumerindo Rocha Dorea E A FICÇÃO CIENTÍFICA

Roberto de Sousa Causo
Especial para o *Correio das Artes*

Nascido em Ilhéus, Bahia, em 4 de agosto de 1924, Gumerindo Rocha Dorea se transformaria, a partir de 1958, no mais importante editor brasileiro de ficção científica. Aquele ano marca a publicação do primeiro título da coleção Ficção Científica GRD, o romance clássico *Além do Planeta Silencioso*, de C. S. Lewis. O interesse de Dorea pela FC, porém, data do seu primeiro contato, ainda na infância, com os romances de Tarzã escritos por Edgar Rice Burroughs.

Filho de donos de armazém de secos e molhados, e de plantações de cacau em Ilhéus, Dorea seguiu na juventude o caminho de muitos filhos da aristocracia rural brasileira, indo ao Rio de Janeiro estudar Direito. Formou-se em 1948, mas sua alma estava na vida cultural e literária, e a carreira terminou com o primeiro caso defendido. Pouco depois, em 1956, fundava as Edições GRD, editora voltada inicialmente para a publicação de obras de interesse filosófico e histórico, mais tarde com uma atuação destacada na área da geopolítica.

A FC veio como expressão de uma paixão de juventude, mas também como entendimento da importância do gênero, mesmo se rejeitado pela *intelligentsia*. Isso está explícito na orelha da *Antologia Brasileira de Ficção Científica* (1961), assinada por Dorea: “Uma antologia brasileira de ficção científica! Se falássemos numa pretensão desta categoria há três anos passados, a ideia seria motivo de risada por parte, principalmente, dos donos da literatura.” Aí também se vê o caráter sempre combativo e nutrido pelo desejo contínuo de intervir na cultura brasileira, ampliando seus horizontes e rompendo barreiras. Nesse sentido, Dorea, o editor que descobriu nomes de peso como Rubem Fonseca, Nélida Piñon e Gerardo Mello Mourão, deixou a sua marca na literatura nacional.

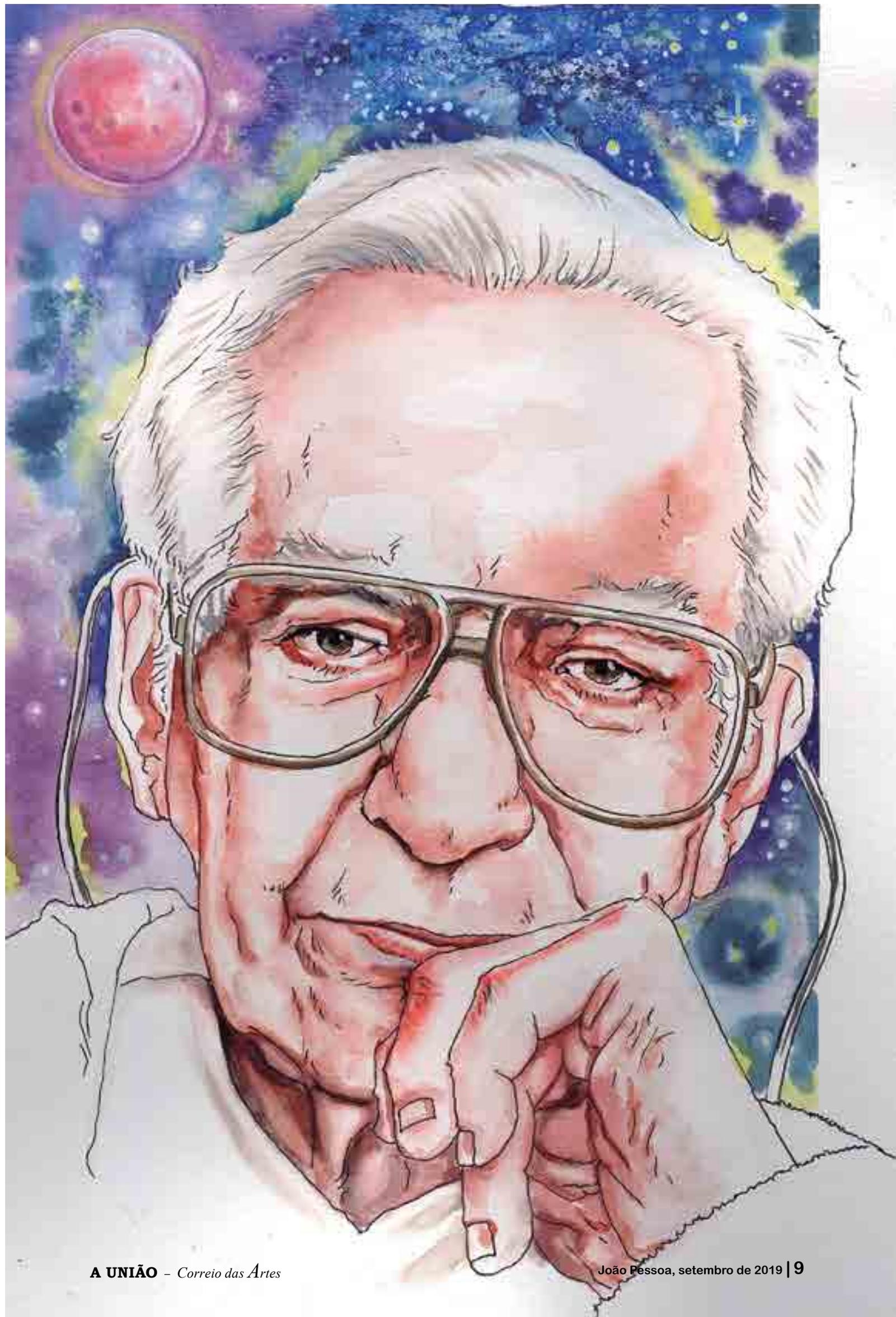
Na ficção científica, a FC GRD e outras coleções posteriores como a Ficção Científica Gigante, num formato um pouco maior, acumularam em conjunto um catálogo impressionante para a época: Ray Bradbury, J. Sheridan Le Fanu e H. P. Lovecraft (nas coleções Contos de Hoje e de Sempre e Literatura Fantástica), Lewis, Robert A. Heinlein, Clifford D. Simak, James Blish, Walter M.

Miller Jr., Fred Hoyle, Chad Oliver, Harold Mead, Fredric Brown, John Wyndham e Kurt Vonnegut — alguns dos autores que Dorea trouxe pela primeira vez ao leitor brasileiro. Não ficando apenas com os anglo-americanos, também publicou livros do francês Francis Carsac e dos soviéticos G. Altov e V. Juravleva.

Nos Estados Unidos e Inglaterra, a década de 1950 trouxe um florescimento da FC para além das páginas amareladas das revistas *pulp*, com livros em capa dura alimentando bibliotecas e clubes do livro, e edições populares em grandes tiragens. O gênero chegava aos cinemas em um ciclo variado e produtivo, e tanto livros quanto filmes alimentavam um mercado mundial aberto pela influência americana nos anos do pós-guerra. Fatos novos como a bomba atômica, a televisão, o computador, além de aviões supersônicos e satélites artificiais, davam à FC uma nova credencial de importância e modernidade.

No plano literário, a década de 1950 produziu o que o escritor e crítico inglês Brian W. Aldiss chamou de “ápice da FC”, no mundo anglo-americano. Foram justamente exemplos marcantes dessa produção que Dorea selecionou para a sua investida literária no campo. Tanto que o próprio Aldiss, que se encontrou com Dorea no Simpósio de FC de 1969 no Rio de Janeiro, ao reconhecer títulos e autores perguntou por que ele mesmo não fazia parte do catálogo do editor brasileiro.

O compromisso do editor com o pensamento cristão e sua preo- ▶



► cupação política com a guerra fria e a ameaça do holocausto nuclear renderam títulos como *Além do Planeta Silencioso*, de Lewis; *Os Mutantes*, de Wyndham; *Um Cântico para Leibowitz*, de Miller; *Um Caso de Consciência*, de Blish; *Depois da Catástrofe* e *Os Herdeiros do Poder*, de Mead; e *A Muralha Verde*, de Yevgeny Zamiatin. Alguns destes livros foram relançados recentemente com grande fanfarra — e sem a lembrança da visão e do pioneirismo do editor baiano.

Sua maior contribuição para o gênero no Brasil foi, não obstante, a consolidação de um forte núcleo de autores nacionais. Para isso Dorea teve de, principalmente, contornar a visão limitante — e muito repetida — de que ficção científica e outros gêneros de ficção popular não são coisa de brasileiro. O fato de existirem escritores já realizando FC no Brasil era prova em contrário, e Dorea procurou-os oferecendo um lar privilegiado na Ficção Científica GRD, de edição sistemática de obras de qualidade. Dinah Silveira de Queiroz, um nome de peso que já publicara contos de FC em revistas como *O Cruzeiro*, foi a primeira, com a coletânea *Eles Herdarão a Terra* (1960). O crítico Fausto Cunha, que fazia parte do grupo literário liderado por ela, contribuiu no ano seguinte com o seu próprio livro de contos, *As Noites Marcianas*.

Certamente, a publicação de *Antologia Brasileira de Ficção Científica* foi um marco, reunindo histórias de André Carneiro, Antonio Olinto e Zora Seljan (casal que mais tarde estaria na Academia Brasileira de Letras), Clóvis Garcia (que logo assinaria a coluna 'O Universo e o Tempo', sobre FC, no jornal *A Nação*) e Lúcia Benedetti. Dinah Silveira de Queiroz (também da ABL) compareceu com a importante noveleta 'A Ficcionis-

DIVULGAÇÃO



Gumercindo trouxe a ficção científica para o Brasil e lançou nomes como Rubem Fonseca e Nélida Piñon

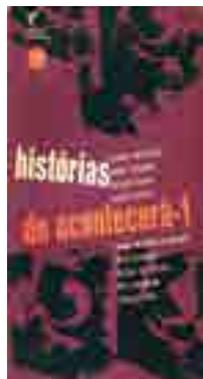
ta', incluída ano passado na multipremiada antologia *Fractais Tropicais: O Melhor da Ficção Científica Brasileira*, de Nelson de Oliveira. Outros veteranos presentes no livro foram Jeronymo Monteiro, que publicava FC desde fins da década de 1930, e Rubens Teixeira Scavone, que havia lançado em 1958 o romance *O Homem que Viu o Disco Voador*. Essa foi a primeira antologia de histórias nacionais de FC, cuja orelha assinada por Dorea explicitava o seu procedimento: "Aí estão... nomes altamente credenciados, e alguns novatos pioneiros e prosseguidores. Representantes da inteligência brasileira, nas suas variadas gamas literárias, desde o romance, passando pela crítica, pelo jornalismo, pelo teatro, pela história, a *Antologia* sintetiza uma nova harmonia criadora, pela primeira vez tentada no Brasil."

Reforçando esse desenho de um movimento literário, Dorea ainda publicaria, no mesmo ano,

uma segunda antologia, *Histórias do Acontecerá*, com histórias de Carneiro, Olinto e Seljan, Garcia e Dinah, além dos novatos Álvaro Malheiros, Leon Eliachar e Ruy Jungmann. Destaca-se, ainda, a presença no livro de Rachel de Queiroz, a renomada romancista e primeira mulher eleita para a ABL. Seu conto 'Ma-Hôre' seria muito estudado por pesquisadores do século 21, como a brasilianista M. Elizabeth Ginway. Até 1965, Dorea publicaria o mais importante romance de FC de Monteiro, *Fuga para Parte Alguma* (1961); e livros de contos de Scavone, Guido Wilmar Sassi e Levy Menezes. Predomina uma ficção científica de contornos humanistas, preocupada com o destino final da humanidade no contexto dramático da guerra fria.

Geração GRD

Fausto Cunha chamou os au- ►



▶ tores publicados por Dorea de “Geração GRD”, e ela forma a base da Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira (1957 a 1972). Pertencentes a ela, Garcia e Olin-to estão entre os primeiros dessa época a aparecerem no exterior — na antologia panorâmica *Primera Antología de la Ciencia-Ficción Latinoamericana* (1970), lançada na Argentina em 1970. Mas foi André Carneiro o autor da Geração GRD que maior impacto internacional teve, publicando nos Estados Unidos, Inglaterra, Argentina e vários outros países — tão recentemente quanto 2016, na mastodôntica antologia *The Big Book of Science Fiction*, do casal Ann & Jeff VanderMeer.

Com Scavone, Dinah e Cunha, Carneiro está entre os nomes mais importantes da FC brasileira da Primeira Onda, e sua carreira se estendeu até o século 21; uma das mais longas em registro. Por sua vez, Scavone integraria a Academia Paulista de Letras na década de 1980, e Dinah seria chamada de “Mãe da Ficção Científica Brasileira” por Finisia Fideli. A publicação conjunta de grandes nomes da FC internacional e de brasileiros que se aventuravam no gênero ajudou a diferenciar as ações editoriais do Brasil daquelas de Portugal, centradas na Coleção Argonauta, a principal fonte do gênero em português, a partir da década de 1950.

Depois dos passos dados por Dorea, outras editoras contemplaram a FC brasileira, como a EdArt e o Clube do Livro, ambas de São Paulo. O interesse coletivo pelo gênero foi expresso em eventos como a I Convenção Brasileira de Ficção Científica, na capital paulista em 1965, e o Simpósio de FC,

no Rio de Janeiro em 1969. Quando o americano David Lincoln Dunbar, da Universidade do Arizona, veio em 1972 pesquisar a FC brasileira, ele se debruçou obrigatoriamente sobre o quadro formado pela atuação de Gumercindo Rocha Dorea. Mais tarde, outros pesquisadores fariam o mesmo, como Ginway e Ramiro Giroldo, da UFMS.

A Ficção Científica GRD entraria em hiato logo após 1965, depois que Dorea foi nomeado Diretor de Turismo de Salvador (1964 a 1967). Mas ele não desistiria do gênero, publicando obras clássicas como *A Cidade e as Estrelas*, de Arthur C. Clarke, em 1967; *Amor Dimensão 5*, antologia de autores estrangeiros montada por ele e José Sanz em 1969; *Luz-estrela*, romance de Fredric Brown lançado em 1971; e *Só a Terra Permanece*, de George R. Stewart, em 1983.

A coleção FC GRD propriamente faria o seu retorno apenas em 1987, logo publicando um novo grupo de escritores brasileiros, pertencentes à Segunda Onda da FC Brasileira (1982 a 2015): os premiados Henrique Flory, Roberto Schima e Cid Fernandez, além de Ivan Carlos Regina (lançador do Movimento Antropofágico da FC Brasileira), Marien Calixte, Finisia Fideli, Gerson Lodi-Ribeiro, Miguel Carqueija, José dos Santos Fernandes, Cesar Silva, Ricardo Teixeira, Leonardo Nahoum — e o famoso Jorge Luiz Calife, “Pai da FC *Hard Nacional*” segundo Lodi-Ribeiro. Histórias desses e de outros autores apareceram em novas antologias organizadas pelo editor: *Enquanto Houver Natal...* (1989), *Tríplice Universo* (1993) e *Dinossauria Tropicalia* (1994).

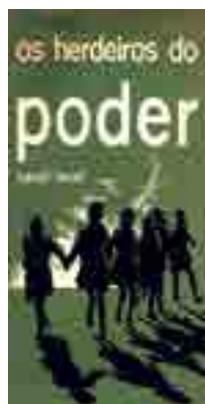
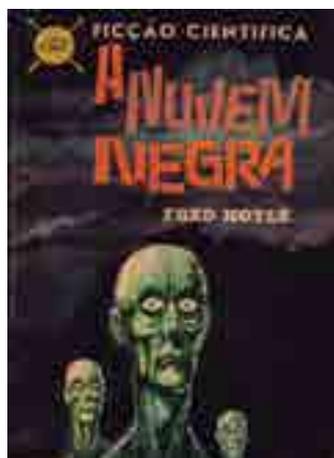
Dividindo a sua atividade editorial com atuações políticas e

com o serviço público, ao mesmo tempo em que se pautava por um espírito individualista e anticomercial, Dorea nunca conseguiu transformar as Edições GRD numa casa editorial que crescesse com os autores que descobriu, ou que permitisse a alguns desses escritores crescer com ela. Nem por isso a sua atuação notável como um editor frugal, de grande sensibilidade, combatividade e abnegação em favor da ficção científica no Brasil deixou de ser reconhecida pela comunidade brasileira de FC, com homenagens na Bienal do Livro do Rio de Janeiro e no simpósio Fantasticon, em São Paulo. Sua audácia de abrigar em uma mesma coleção ou selo autores estrangeiros e brasileiros só foi emulada, na época, pela EdArt, e posteriormente apenas no começo deste século pela Devir Brasil.

No século 21, Dorea estabeleceu uma parceria eventual com a Devir Brasil (por mérito do seu então diretor editorial Douglas Quinta Reis) para a publicação de romances de ficção científica e fantasia como *O Povo da Névoa*, de H. Rider Haggard, e *Atlântida, o Continente Perdido*, de C. J. Cutcliffe Hyne — este último lançado em 2019, quando o editor fez 95 anos de idade e 63 de atividade com as Edições GRD. ❖

Roberto de Sousa Causo é autor dos livros de contos 'A Dança das Sombras' (1999), 'A Sombra dos Homens' (2004) e 'Shiroma, Matadora Ciborgue' (2015).

Também dos romances 'A Corrida do Rinoceronte' (2006), 'Anjo de Dor' (2009), 'Mistério de Deus' (2017) e 'Mestre das Marés' (2018). Tem contos publicados em 12 países. 'Glória Sombria' (2013), primeiro livro da série *As Lições do Matador*, foi indicado ao Prêmio Argos 2014.



A POÉTICA DE **Lourdes Ramalho** em 'Flor de Cacto'

José Mário da Silva
Especial para o *Correio das Artes*

Símbolo da cultura nordestina mais imorredoura, ícone das nossas paisagens afetivas mais acalentadas e índice de um vigoroso e cativante ser/fazer estético, Lourdes Ramalho, cuja existência terrena chegou a final depois de uma longa travessia de 99 anos (no último dia 7 de setembro, foi mais do que merecedora da justa homenagem que lhe foi prestada, há alguns anos, pelo *Pôr do Sol das Letras*, importante confraria literária que, mentoreada pelo jornalista e escritor Hélder Moura, vem prestando relevantes serviços à cultura paraibana, ao criar uma atmosfera propícia ao debate, à exposição de ideias, ao lançamento de livros, ao convívio, enfim, com todas as ar-



Lourdes Ramalho, que morreu aos 99 anos, em setembro: autora se alimentou, com raro estatuto de genuinidade, das mais significativas experiências vividas pelo homem nordestino, com as suas angústias, dores, sonhos e esperanças

tes, especialmente com a Literatura, arte que, no dizer do ensaísta goiano Wendel Santos, é a que mais profundamente revela o ser humano, dado que o faz em toda a vasta e quase incontornável dimensão que o caracteriza.

Ancorada, sobretudo no porto do gênero dramático, do qual se mostrou uma consumada mestra, Lourdes Ramalho, de igual modo, mostrava a força da sua criatividade na seara da poesia. Originalmente publicado na já longínqua quadra cronológica dos anos 1970, a reedição do livro *Flor do Cacto*, portando o selo editorial da Universidade Estadual da Paraíba, constitui-se na cabal prova de que, habitada, dentre outras, pela função sinfrônica da literatura, a poesia emula contra o tempo e vive da sua própria eternidade.

Flor de Cacto seduz pela singeleza do título, em cuja tessitura semântica complementar flagramos a admirável expressão: viagem ao ignoto do ser, ao ignoto do sertão e ao ignoto do ser da poesia. Nessa peregrinação triádica, o eu-lírico posto em cena por Lourdes Ramalho faz da palavra a companheira inseparável de sua lírica e, ao mesmo tempo áspera, travessia.

O poema "Flor de Cacto", que inaugura o livro e lhe confere título é um emblemático exemplo do que sinalizamos. Consorciando, harmoniosamente, ritmo, conceito e imagem, três estratos constitutivos do fenômeno poético conforme os postulados de Ezra Pound e investindo no jogo bem urdido de assonâncias e aliterações, a poeta cartografa a paisagem árida do sertão; incursiona pelo universo interior igualmente árido do homem que nela habita; e, por fim, anela pela "rosa fulgurante da poesia", configurando-se, assim, o tríplice itinerário percorrido pelo conjunto de poemas que integram o livro.

Ser inarredavelmente telúrico e norteador por infrangível paixão pelas suas origens, Lourdes Ramalho, em *A Flor do Cacto*, faz da fazenda São Domingos, seu berço e lar primevo, a personagem principal de um enredo memorialís-

▶ tico tingido por funda nostalgia, cujo alimento mais ostensivo é a dolorida consciência da inflexível passagem do tempo, de um lado; e, do outro, da inevitável chegada daquela a quem Manuel Bandeira, nos imortais versos de ‘Consoada’, chamou de *A indesejada das gentes*. Aqui, a simplicidade composicional dos versos engendrados por Lourdes Ramalho, desvestidos do mais leve vestígio retórico, ganha uma indisfarçável tonalidade reflexiva, que o digam os poemas ‘A porta’ (pág. 32); ‘Reminiscências’ (pág. 37) e ‘Libertação’ (pág. 79).

Por esse patamar e retomando os pressupostos teóricos de Ezra Pound, a poesia de Lourdes Ramalho, regional sem regionalismos reducionistas, exhibe forte dimensão ideativa e, como toda grande poesia, “com apenas duas mãos revela ser portadora do sentimento do mundo”, conforme a sinalização preconizada por Carlos Drummond de Andrade para o ser/fazer do poeta. Atenta à lição de Leon Tolstói, Lourdes Ramalho soube cantar a sua aldeia, e o fez tão competentemente que atingiu o estatuto da universalidade.

Lourdes Ramalho, em sua visceral viagem poética, do território do ser ignoto, que somos todos nós, incursiona pelo ignoto sertão, tópica recorrente da literatura brasileira. E, ao fazê-lo, seu lirismo se ilumina com imagens belíssimas, a exemplo do “cacto, altaneiro, que, na face nua da escaldada serra, cresce, desabotoa o caule... e oferece uma flor de neve – estrela sobre o monte”.

Mais tocante ainda é a imagem do “jorro límpido que sobe do seio da terra”, e que não é outra senão a salgada lágrima da terra esturricada do sertão, do velho e mítico nordeste sempre visitado pelo flagelo das secas, acumpliciado à falta de políticas que confirmam ao homem nordestino a capacidade de conviver com o cíclico fenômeno da natureza chamado seca.

A dicção metalinguística percorre o jardim de palavras, onde a escritora campinense plantou a sua *Flor de Cacto*; o que reforça a consciência artesanal de que ela é inquestionavelmente portadora. Cito, aqui, em abono a essa constatação, dentre outros, os poemas ‘Expectativa’ (pág. 43) e ‘O poeta e a noite’ (pág. 91). Neste último, na



“sua noite fatal, secreta, o poeta ao fazer a sua iniciação ele é mordido pelo grande Cão/E começa na via Láctea/a sua via crucis”.

Desde Platão até aos nossos dias, as relações entre o poeta e a república são sempre conflituosas, não raro perigosas para o poeta, esse ser que tem o “Desejo de possuir/todos os corpos/como se fossem rosas machucadas/para haurir-lhes todos os perfumes./desejo de prender todas as respostas/para oferecê-las/às perguntas que correm mundo sem destino;/desejo de sorver/e absorver-se/em todas as dimensões/... Mas/ (a lua come coco/quanto mais juízo pouco”).

O veio humorístico com que se fecha o poema colide com o sonho, ambicioso, dos poetas de terem, com a precária senha das palavras, acesso à essência de todas as realidades; o que, se viesse a ocorrer, colocaria um ponto final e definitivo no errante itinerário da literatura, que, como toda arte, é uma confissão de que a vida só não basta, conforme preconiza Fernando Pessoa em suas fundamentais páginas de teoria e estética literária.

Como a Clarice Lispector de *A Hora da Estrela* ou mais precisamente o narrador que se delinea nas labirínticas dobras da linguagem, Lourdes Ramalho também quer continuar a escrever enquan-

to tiver perguntas a endereçar ao esfíngico enigma da vida. Ademais, o que é a literatura senão uma espécie de grande e irrespondível pergunta?

Percebem-se ainda no imaginário poético de *A Flor do Cacto* ecos e ressonâncias de outras vozes poéticas, com as quais a escritora campinense dialoga, a elas imprimindo a sua particular dicção. No poema “Sombras”, por exemplo, percebemos as reverberações de “Noite Morta”, poema de Manuel Bandeira.

Em ‘A nova face da lua’ (pág. 93) Lourdes Ramalho critica a ambição humana que, frequentemente, é traduzida por dramáticas agressões à natureza. Poderíamos ainda falar da religiosidade, da valorização da cultura popular, do código familiar ternamente cultivado, dentre outros temários habilmente trabalhados pela ilustre homenageada da bela tarde/noite que lhe foi propiciada pelo *Pôr do Sol das Letras*. Satisfaço-me, contudo, com o já dito, absolutamente certo de que ele é menos ponto de chegada que de partida para outros e múltiplos dizeres, somente propiciados por uma plurissignificativa e rebelde dama chamada poesia.

Para o filósofo norte-americano Emerson: “O homem é apenas metade de si mesmo, a outra metade é a sua expressão”. Assim sendo, a expressão de Lourdes Ramalho é tão bela quanto eterna, dado que se alimentou, com raro estatuto de genuinidade, das mais significativas experiências vividas pelo homem nordestino, com as suas angústias, dores, sonhos e esperanças. Lourdes Ramalho partiu em sua dimensão de fisicalidade terrena, mas permanece viva no imaginário de tantos quantos tiveram a ventura de se abeberar na insecável fonte de beleza e de humanismo perenemente encontrável em sua extraordinária obra estética, conhecida dentro e fora da geografia nacional. ✦

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB).

Os movimentos do Quinteto da Paraíba

EM 30 ANOS DE EXISTÊNCIA

Texto: Acilino Alberto Madeira Neto

Especial para o *Correio das Artes*

Ilustrações: Antônio Amaral

Especial para o *Correio das Artes*

A originalidade artística é sempre o ponto culminante para se construir a imagem precisa da grandeza estética. Imprial grandeza no Quinteto da Paraíba se desvela na singularidade de sua existência e no amalgamento entre o erudito e o popular, em uma música de câmara onde a orientação acadêmica não nubla a intenção singela da apresentação de um repertório de viés popular de alto nível.

Como boa alvíssara, para este ano de festa, já se pode informar que a memória histórico-musical do Quinteto da

Paraíba hoje tem forma e conteúdo de natureza acadêmica e se encontra reportada na tese de doutorado, cursada e defendida, na UFPB, pela professora doutora Ana Cláudia Medeiros de Sousa (UFBA), intitulada “Nos Acordes do Quinteto da Paraíba – Memória e Escritos de um Acervo” (2018).

Neste ano de 2019, o Quinteto da Paraíba comemora 30 anos. Em sua existência, memória e identidade marcam as suas fases construtivas, que iluminam e justificam a compreensão de seu surgimento, constituição, formação e desenvolvimento até o reconhecimento, na atualidade, como um dos mais renomados grupos de música de câmara do Brasil.

Depois de uma brilhante residência artística na Syracuse University - New York/EUA – realizada em janeiro passado, como resultado produtivo e comemorativo nasceu o CD *Ao Vivo em New York*, sexto e mais recente disco, onde o grupo revisita seus clássicos com novas estampas de memória em cores firmes de sua identidade sonora. ▶

ILUSTRAÇÕES: ANTÔNIO AMARAL



▶ PRIMEIRO MOVIMENTO

Desmistificação do violino e sua família (viola, violoncelo e contrabaixo) – 1989/1995.

Em sua fase embrionária, primeiro formou-se como quarteto: Quarteto Ravel, em 1989, cujo responsável maior foi violinista chileno Yerko Tabilo, então docente no Departamento de Música da UFPB. Dois anos depois, virou Quinteto Ravel com a entrada do contrabaixista Adail Fernandes, em 1991, deixando mais livre o violoncelo para dialogar com os outros instrumentos.

Neste primeiro movimento, o grupo criou o projeto para desmistificar o violino (e sua família) como instrumento erudito para montar um repertório que o aproximasse mais do público. Na sequência dos acontecimentos, com a saída do maestro Adail Fernandes, ingressou no Quinteto Ravel o contrabaixista Xisto Medeiros, em 1994, ano do primeiro registro sonoro do Quinteto Ravel, numa peça para o CD *Carrapicho*, de Raiff Dantas, e da gravação do CD inicial *Armorial e Piazzolla*.

O ano de 1995 foi de muita intensidade: convite dos produtores Robin Broadbank e Ricardo Canzio, da Nimbus Records, para a gravação do segundo disco do grupo (*Música Armorial*), por indicação de Radegundis Feitosa; participação no Festival Internacional de Música de Câmara do Pará e no 26º Festival de Inverno de Campos do Jordão (SP).

Num ensaio de apresentação do Quinteto Ravel em Recife, com a presença do então secretário de Cultura de Pernambuco, Ariano Suassuna, ocorreu a sugestão de mudança do nome do grupo para Quinteto da Paraíba. Até então o primeiro disco, *Armorial & Piazzolla* ainda não havia sido lançado. Assim, todas as informações dos encartes dos discos *Armorial & Piazzolla* e *Música Armorial* foram impressas já com o novo nome, pelo artista plástico paraibano Flávio Tavares.



Em Recife, com a presença do então secretário de Cultura de Pernambuco, Ariano Suassuna, ocorreu a sugestão de mudança do nome do grupo para Quinteto da Paraíba

▶ SEGUNDO MOVIMENTO

Pelos signos do resgate das cordas armoriais o Quinteto da Paraíba toca na BBC de Londres e nas principais salas de concertos do Brasil – 1996/2006.

O Quinteto da Paraíba formou, em torno de sua identidade sonora, um novo marco para a divulgação da música brasileira, pela junção do que de profundo existe na construção histórica do Nordeste, revelado pelo Movimento Armorial, e a universalidade que a música contemporânea conquistou em tempos globalizatórios.

Como prova desta universalidade, na participação do Festival de Belém (PA), os integrantes do Quinteto da Paraíba tomaram conhecimento, através do grupo de metais Quinteto Brassil (da Paraíba), que o disco *Música Armorial*, pela Nimbus, tocava na BBC de Londres. Depois então, o Quinteto da Paraíba passou a frequentar as várias salas de concertos de todo o país, como o Auditório Cláudio Santoro, o Salão Nobre do Teatro Municipal de São Paulo e o Memorial da América Latina, trabalhando os repertórios dos dois discos lançados.

Um ano antes da celebração dos dez anos de atividade (1999), o Quinteto da Paraíba participou da trilha sonora do filme *Central do Brasil*, com a interpretação da música 'Toada e desafio', de autoria de Capiba.

Um fato marcante na comemoração de um década de atividade foi a realização da primeira viagem internacional do grupo pela Áustria, França e Espanha. Neste movimento, o Quinteto da Paraíba lançou o CD *A Pedra do Reino* (2001) em homenagem à obra de Ariano Suassuna, reconhecendo-o como pedra mestra do Movimento Armorial.

No ano seguinte foi lançado o CD *Capiba & Gonzaga* (2002), com frevos, cirandas e forrós dos dois importantes compositores nordestinos, contando com as participações especiais de Valtinho do Acordeon e Glauco Andreza na percussão. Nesse mesmo ano, outro destaque foi a realização de mais outra turnê pela Europa.

Encerrando este movimento, foi lançado o CD *Nau Capitânia de Itamaracá* (2006), com interpretação de Lenine e Chico César. No mesmo ano, acompanharam Chico César no CD *De Uns Tempos pra Cá*.



TERCEIRO MOVIMENTO

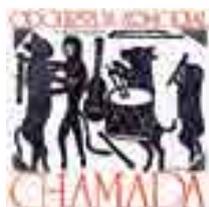
Por um Triz, do Grupo Corpo e de Lenine, pela lembrança e herança viva armorial em Chico César ao que se apontou depois de 'O Príncipe Alumioso' – 2007/2019.

Quando este terceiro movimento se iniciou, o Quinteto da Paraíba já havia gravado cinco CDs: *Armorial & Piazzolla*, *Música Armorial*, *A Pedra do Reino*, *Capiba & Gonzaga* e *Nau Capitânia de Itamaracá*, por último. No triênio 2007-2009 ocorreram três grandes e seguidas conquistas: o grupo tocou com Chico César na abertura dos Jogos Pan-Americanos, realizada no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro; participou da gravação do CD *Labiata*, de Lenine, na faixa 'Martelo bigorna', com a qual o autor ganhou o Grammy Latino; em nova parceria com Lenine, o Quinteto da Paraíba produziu arranjos para a trilha do espetáculo *Triz*

do Grupo Corpo (autoria do músico pernambucano). Com grande destaque, o Quinteto da Paraíba participou trilha sonora do filme *Gonzaga - De Pai pra Filho* (2012).

No ano de comemoração dos 25 anos de atividades, o Quinteto da Paraíba produziu o documentário *O Príncipe Alumioso* (2014), editado em 2016 e lançado em 2017. Este documentário ilustra a trajetória do Quinteto da Paraíba e o título escolhido, além de nomear uma música de Clovis Pereira, também remete ao romance *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, que define "Príncipe Alumioso" como o "Príncipe Iluminado Divino do Sertão".

Ainda neste ano, foi criado o projeto 'Quinteto Convida', tendo como primeiro convidado o cantor e compositor baiano Xangai. Em 2018, o Quinteto proporcionou ao público paraibano uma série de espetáculos em âmbito do 'Quinteto Convida'. ✦



DISCOGRAFIA

- Armorial & Piazzolla (1994)
- Música Armorial (1995)
- Capiba & Gonzagão (2000)
- A Pedra do Reino (2001)
- Nau Capitânia de Itamaracá (2006)
- Ao Vivo em New York (2019)

FORMAÇÕES

Primeira formação (Quinteto Ravel) – (1989/1993)

Yerko Tabilo – primeiro violino
 Nelson Rios – segundo violino
 Samuel Espinoza – viola
 Nelson Campos – violoncelo
 Adail Fernandes – contrabaixo

Formação de maior duração (Quinteto da Paraíba) – 1994/2006

Yerko Tabilo – primeiro violino
 Ronedilk Dantas – segundo violino
 Samuel Espinoza – viola
 Nelson Campos – violoncelo
 Xisto Medeiros - contrabaixo

FOTO: WALBER LIMA/DIVULGAÇÃO



Última Fase do Quinteto da Paraíba (2019)

Ronedilk Dantas – primeiro violino
 Anderson Carvalho – segundo violino (em substituição a Tiago Formiga)
 Ulisses Silva – viola
 Nilson Galvão – violoncelo
 Xisto Medeiros – contrabaixo, zabumbaixo e voz

Acilino Alberto Madeira Neto é escritor, poeta, letrista, compositor e membro da UBE (Paraíba). Piauiense radicado em João Pessoa (PB) desde 1998, filósofo e economista de formação, auditor fiscal do Estado da Paraíba. É autor dos livros 'Nos Confins da Missão' (2007), 'Monarquia de Sedução' (2008). Tem músicas em parceria com Xisto Medeiros, Kennedy Costa, Adeildo Vieira, Cristiano Oliveira, Titá Moura, Junior Tarjino, Titá Pereira (Piauí) e Fran Fidalgo (São Paulo).

Literatura e sonho (parte 2)



**Acima de tudo,
como diz Mia
Couto, a boa
literatura é aquela
que se situa no
cotidiano, mas que
também faz com
que esse cotidiano
se liberte de seu
próprio tempo.**

Na última coluna (edição de julho/2019), falamos sobre os “sonhos lúcidos” e sua influência na obra de artistas como Christopher Nolan, diretor do filme *A Origem* (2010). Hoje, falaremos sobre o processo inverso: quando, em raras ocasiões, o sonho invade a realidade e incorpora-se ao ato criativo. É o que ocorre, por exemplo, nas camadas ficcionais do livro *O Sonâmbulo Amador* (2012), do pernambucano José Luiz Passos. No romance, Jurandir é o segurança de uma indústria têxtil que é internado após incinerar a kombi da empresa em que trabalhava, sem motivo aparente. A narrativa, como sugere o título, situa-se sempre no limiar entre o real e o onírico, tornando difícil a tarefa de distinguir o que foi sonhado do que de fato aconteceu, nos relatos extraídos dos cadernos de Jurandir.

Claro que o real, neste caso, está restrito ao universo ficcional de um personagem, mas a confusão entre sonho e realidade é algo muito palpável na vida de pessoas que experimentam algum transtorno como o sonambulismo (para ficarmos no tema do livro de Passos). Há exatos dez anos, na Inglaterra, um homem foi absolvido em plena corte depois de ter estrangulado a esposa até a morte, em meio a um surto de sonambulismo. Eventos como este parecem extremos, mas são mais comuns do que parecem.

Embora até o momento não tenha atentado contra a vida de ninguém, eu mesmo sofro de um leve grau de sonambulismo e este distúrbio já me colocou em situações embaraçosas, algumas das quais só consigo me lembrar devido aos relatos de pessoas que involuntariamente participaram delas. Um dos primeiros episódios ocorreu na adolescência, quando ainda dividia o quar- ▶

◆ ao rés da página

► to com meu irmão, e fui flagrado por ele arrastando uma cadeira pelo quarto, murmurando que precisava trocar uma das lâmpadas. Eu escrevia poesia na época e, ainda segundo meu irmão, era comum que eu levantasse de madrugada declamando os versos de um poema ou sussurrando coisas absurdas como: “Pôr do sol” ou “Crepúsculo!”.

Nunca acreditei no que o meu irmão contava, até que recentemente a minha esposa, que também é escritora e começou a reclamar desses rompantes, conseguiu registrar num vídeo de alguns minutos uma interpretação ve-xaminosa que fiz de “Ora (dizeis) ouvir estrelas!”, de Olavo Bilac, enquanto dormia. O vídeo não apenas me rendeu a ideia para estes dois textos como também me fez pensar nas inúmeras ocasiões em que acordei com argumentos (quase sempre estúpidos, mas às vezes aproveitáveis) para contos ou romances – não à toa o primeiro que publiquei, *A Mulher Faminta* (2018), começa com a cena de um personagem acordando.

Biografismos à parte, são vários os escritores que conservam à mão, enquanto dormem, blocos de anotações em que registram ideias surgidas durante o sono, algumas das quais conseguem decantar-se do substrato ininteligível do inconsciente e derivar em projetos concretos. Conta-se que Stephen King sonhou com o argumento de *Misery* (1987) durante uma viagem de avião para a Inglaterra. Paul McCartney sonhou com a melodia de ‘Yesterday’ e a dedilhou no piano que conservava ao lado da cama, cantarolando por cima o famigerado, fatídico e posteriormente abandonado verso “Scrambled eggs, oh my baby how I love your legs” (“Ovos mexidos, oh meu amor como eu amo suas pernas”).

Zdzisław Beksiński é um artista polonês que tem se notabilizado por pintar “como quem fotografa os próprios sonhos”, criando ima-



gens surrealistas – movimento estético que, por sinal, encarava os sonhos sob a perspectiva freudiana do devaneio como chave de acesso ao nosso inconsciente. Registros como estes são tão vastos quanto o falso imaginário que alimentam, fortalecendo os mitos em torno da inspiração – já discutidos no texto passado.

Por folgar os grilhões do superego, os sonhos nos ajudam a criar com maior liberdade e podem ser uma ótima ferramenta quando incorporados ao processo ou ao próprio ato criativo. Imaginar, ou mesmo narrar o sonho de um personagem, pode ser um exercício interessante, uma forma de abreviar o caminho do criador ou do leitor às verdades mais secretas do seu caráter, forjando ou revelando ecos imprevisíveis do inconsciente do personagem com a sua história – como fez Jorge Luiz Passos no romance que analisamos anteriormente.

Sonhar, como já dissemos, é escrever com a memória. É a lem-

brança brincando de fazer literatura, e às vezes nem é preciso ser escritor para se beneficiar desse mecanismo: quantos leitores já não adormeceram com um livro na mão e não sonharam com a continuação do capítulo que liam ou se colocaram na própria história, experimentando os dramas dos seus personagens?

Acima de tudo, como diz Mia Couto, a boa literatura é aquela que se situa no cotidiano, mas que também faz com que esse cotidiano se liberte de seu próprio tempo. Citando literalmente o escritor moçambicano: “A literatura tem que ter um tempo, mas também tem que ter uma saída, se colocar no domínio do sonho, da utopia”. São esses, ao mesmo tempo, os combustíveis e os comburentes da literatura: os elementos de que ela melhor se alimenta e que melhor ela produz, estejamos nós acordados (lendo e escrevendo livros) ou sonâmbulos (sonhando com eles, imaginando formas de fazê-los sobreviver no mundo real). ✦

Tiago Germano é escritor, autor do romance *'A Mulher Faminta'* (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas *'Demônios Domésticos'* (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.

Lau Siqueira

Dissonantes

Entre o caule e o pólen
existe a flor: sentimento
que germina.

Olhos arregalados
na paisagem. Coração
em festa de ano novo.

Os arremessos
que acerto, não
meço.

Não tenho medo
do deserto.

Só sei que estou vivo.
Não sei se estou certo.

Vidas salobras

entre o acaso e o espanto
caminhamos pelos dias

sem identidade ou disfarce
vamos pisoteando sombras

recolhendo as pegadas
para não perder
o caminho

as portas abertas do inferno
e as gôndolas do paraíso

as plenitudes migratórias
e a santidade do estilo

nosso espelho é um país
em chamas

e as tempestades são pássaros
arruaceiros

fugitivos da própria espécie

nenhuma voz cabe no fascismo
silencioso das heresias

e nas tatuagens tribais
de um povo em debandada



Guarani

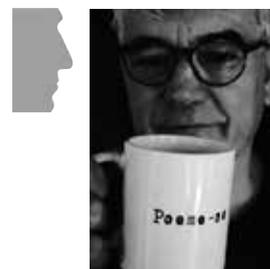
noite ilustrada
verás que um filho
teu

não dorme
na calçada

Baculejo

tudo me cerca
nada me prende

pernas abertas
mãos na parede



Lau Siqueira é escritor e poeta. Publicou os livros 'O Comício das Veias' (1993), 'O Guardador de Sorrisos' (1998), 'Poesia Sem Pele' (2011) e 'Livro Arbitrio' (2015), entre outros, além de integrar diversas antologias nacionais. É natural de Jaguarão (RS) e mora, há 30 anos, em João Pessoa (PB).

O impulso da leitura

COM UMA VIDA VOLTADA
PARA OS LIVROS, O CRÍTICO E
COLECIONADOR PARAIBANO
HILDEBERTO BARBOSA TORNOU-
SE UM PIVÔ ENTRE OS POETAS
NORDESTINOS

Marcelo Abreu

Especial para o *Correio das Artes*¹

Rizemberg Felipe

Especial para o *Correio das Artes*

No grande terraço que circunda sua casa no bairro dos Bancários, em João Pessoa, ao som dos variados cantos de seus canários belgas e pintagois, Hildeberto Barbosa Filho teoriza sobre sua paixão mais visível, a biblioteca instalada ali perto em um grande salão nos fundos da casa. “O homem que gosta de livros hoje já é uma pessoa não muito convencional, não está dentro das expectativas de uma certa ordem social”, diz com uma pitada de ironia. É em torno do livro que gira a vida do colecionador paraibano. ▶

¹ Texto e fotos publicados originalmente na Revista Continente, ed. 222, de julho de 2019, gentilmente cedidas por seus autores.

› Falar da aposentadoria recente como professor titular da Universidade Federal da Paraíba, onde ensinou durante 26 anos no Departamento de Comunicação, poderia dar a ideia errônea de inatividade. Na verdade, aos 64 anos, Hildeberto está no auge de sua produtividade como poeta, ensaísta e crítico literário. Mas a aposentadoria é um elemento fundamental para entender uma característica marcante na vida atual: o tempo livre dedicado à paixão pelos livros. Tempo livre que é essencial na fruição do seu maior patrimônio, a biblioteca que acumulou ao longo dos anos e que atualmente chega perto dos 18 mil volumes.

Nascido em Aroeiras, na região do Cariri paraibano, a 143 km de João Pessoa, Hildeberto teve uma infância no meio rural. Aos nove anos mudou-se para Campina Grande, onde fez o ginásio e o clássico. Mora em João Pessoa desde os 18 anos. Inicialmente, estudou Direito, mas depois encaminhou-se para as letras e aí encontrou seu espaço profissional.

Atua como colunista nos jornais locais desde a década de 1970 e, em 1985, começou a publicar sua produção em livros. Tem já publicados 31 volumes de crítica literária (alguns deles reunindo sua atuação na imprensa), 17 livros de poemas, três jornais literários, três volumes de crônicas e um de memórias. Além disso, tem participado, como organizador e colaborador em inúmeras publicações coletivas e em antologias e coletâneas publicadas ao longo das últimas quatro décadas.

A formação da biblioteca foi ocorrendo sem um plano preconcebido. Descobriu o gosto pela leitura ainda menino e começou a acumular livros desde muito jovem. “A partir de certo ponto, decidi

possuir uma biblioteca, o que parece absurdo porque, hoje, com exceção das grandes bibliotecas públicas, as privadas estão desaparecendo. Com as mudanças tecnológicas, tudo tende a se virtualizar.”

Hildeberto conta que conseguiu manter todos os livros de sua juventude como, por exemplo, as *Edições de Ouro*, série da editora do mesmo nome através da qual muitos tiveram acesso a clássicos da literatura universal. “Imagina a alegria de receber *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche, com 13 anos, vindo pelo serviço postal”, diz, ao lembrar-se do livro que só

viria a entender completamente anos depois.

Lamenta apenas não ter mantido as revistas em quadrinho, porque muitas delas foram trocadas em porta de cinemas, com outros meninos, como era hábito, na época. “Quem me fez leitor foram os quadrinhos”. Ele enumera algumas paixões da infância: as edições do Cavaleiro Negro, Mandrake e Flash Gordon. “Sou muito grato a eles e aos livrinhos de faroeste, de espionagem. Tudo eu devorava”. Conseguiu manter as obras de Conan Doyle, Agatha Christie, Dashiell Hammett e Georges Simenon por quem se diz “louco”. Debruçado durante anos sobre as densas teorias da literatura, Hildeberto se confessa um leitor sem preconceitos. “A gente lê muita coisa pesada e, às vezes, pega uma história da Agatha Christie e se envolve com aquilo. Faz bem também, ativa a imaginação, essa literatura de entretenimento e descanso”.

Sua biblioteca é mais forte em ficção brasileira e estrangeira, ensaios, filosofia, comunicação, jornalismo, ética, história, diários, memórias, confissões, cartas, biografias e temas como Nordeste, Canudos, Cangaço e Sertão. Além, é claro, de poesia. Seus dois trabalhos acadêmicos de maior fôlego deram uma certa direção ao seu acervo. Nos anos 80, o crítico fez um mestrado em letras sobre o grupo conhecido como Sanhauá, formado por poetas paraibanos nos anos 1960 que flertavam com o concretismo. Na década seguinte, no doutorado, estendeu seu interesse para toda a história da poesia no estado, sobretudo do final do século 19 em diante. Esses dois estudos resultaram nas publicações *Sanhauá: Uma Ponte Para a Modernidade* (1989) e da tese *Arrecifes e Lajedos: Breve Itinerário da Poesia na Paraíba* (2001).

As pesquisas acadêmicas enriqueceram seu acervo com livros antigos, sobretudo de autores locais. Tem edições raras, algumas compradas em sebos, nem sempre em perfeito estado: amareladas, com dedicatórias e grifos. “Essas marcas do tempo, essa historicidade, tudo isso me interessa muito”, diz o crítico, acariciando a folha de rosto da primeira edição autografada do romance escrito pelo paraibano Pedro Américo de Figueiredo (mais conhecido como o pintor do quadro *O Grito da Independência*), publicado em 1882, na Itália.

A recorrente pergunta sobre até que ponto leu a grande quantidade de livros que possui lhe agrada pela possibilidade de teorizar sobre o que mais gosta de fazer. “Depende do que você considere ler. Há vários tipos de leitor e de leitura, mas eu considero que o simples ato de pegar num livro já é um ato de ler. Fazer uma anotação, botar uma capa, tudo para mim é leitura. Tem livro que eu não li. Uma enciclopédia ou um dicionário a gente consulta. Só que tem outros que eu já li 30, 40 vezes”.

"Eu considero que o simples ato de pegar num livro já é um ato de ler. Botar uma capa, tudo para mim é leitura. Tem livro que eu não li. Só que tem outros que eu já li 30, 40 vezes"

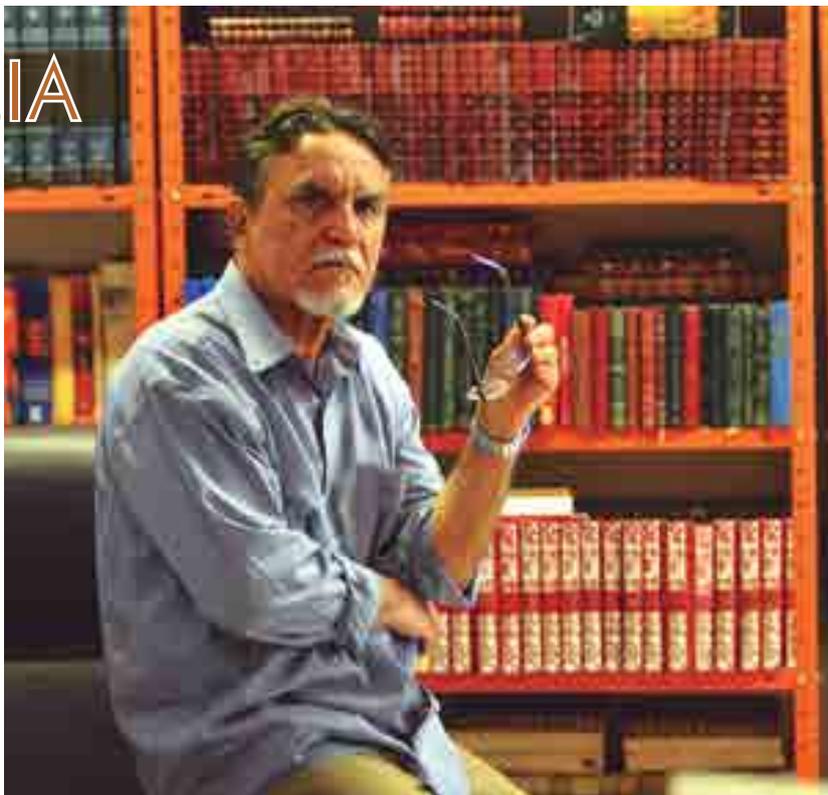
BIBLIOFILIA

O acervo não para de crescer, com compras constantes, exemplares enviados por autores em busca de divulgação nas suas colunas de jornal e doações de amigos que ficam sem espaço nos seus apartamentos. Tem títulos repetidos, por exemplo, com um prefácio novo, uma nova capa. “Tudo isso constitui elementos do leitor. Nunca me desfiz de livros. É como os pássaros, nunca me desfaço dos belgas e pintagóis”, diz ao referir-se aos coloridos passarinhos que mantém em gaiolas no terraço e que propiciam uma suave trilha sonora para a leitura e reflexão.

Apesar de tudo, Hildeberto evita usar palavra “bibliófilo” para se definir. Considera uma palavra forte que pressupõe uma capacidade financeira que não tem. “Eu seria um bibliófilo de paixão, mas não posso afirmar isso porque bibliofilia é uma coisa muito cara”. Lembra o exemplo do empresário paulista José Mindlin (1914-2010) que contava ter vendido um apartamento na zona sul de São Paulo para comprar, a um livreiro francês, a primeira edição de *O Guarany* (1857), de José de Alencar. “O bibliófilo tem de ter uma base econômica. Mas às vezes a gente faz umas loucuras que não vão comprometer”, admite o crítico paraibano. Do ponto de vista editorial, ressalta alguns itens de sua predileção: uma edição da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, - “que é de uma beleza, com reproduções das ilustrações originais de Sandro Botticelli” -, e uma edição portuguesa de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, considerada por ele “um fetiche”.

Do ponto de vista da antiguidade e da raridade, cita como exemplo a primeira edição de 1901 do autor paraibano José Rodrigues de Carvalho (1867-1936), um livrinho chamado *Poema de Maio*, publicado pela Biblioteca do Centro Literário, do Ceará.

O desejo por raridades leva a um tema recorrente, a paixão pelo poeta Augusto dos Anjos.



Apaixonado pelo poeta Augusto dos Anjos, Hildeberto Barbosa tem algumas edições do 'Eu' e confidencia que estaria disposto a pagar até R\$ 5 mil pela raríssima primeira edição

Hildeberto conhece alguém que possui a primeira edição do livro *Eu* (1912), antes de ser intitulado *Eu e Outras Poesias*, como ficou mais conhecido depois. “Ele vende por R\$ 25 mil, e vai vender logo porque a edição é raríssima. Se fosse R\$ 5 mil eu ainda fazia essa loucura. Porque, você sabe, o *Eu* só começou a ser conhecido a partir da terceira edição, que foi a de Castilho. A primeira foi uma ediçãozinha vagabunda que ele fez no Rio. Nem em Leopoldina tem”, diz, referindo-se ao Museu Espaço dos Anjos, instituição que preserva a memória do mais conhecido poeta paraibano na cidade mineira onde morou. O colecionador tem várias edições da obra, inclusive a quinta e a sexta, que mantém numa estante especial intitulada *Pau d’Arco*.

Colecionar jornais está entre suas paixões, também. Durante anos manteve a coleção completa dos semanários *Movimento* e *Opinião*, expoentes da imprensa alternativa brasileira dos anos 1970. Depois doou a coleção ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Mas mantém a coleção do tradicional *Correio das Artes*, criado em 1949 pelo pernambucano Edson Régis e que circula mensalmente até hoje como produto do diário *A União*.

Os 40 primeiros números são uma exclusividade da sua biblioteca, nem a própria *União* tem os exemplares. O suplemento teve sua publicação interrompida em 1964. “De 1976, quando voltou a circular, até hoje, tenho todos os exemplares”.

No próprio *Correio das Artes*, ele publica a coluna *Convivência crítica*. “É meu trabalho mais elaborado, resenhas críticas, às vezes até longos ensaios”. A coluna, que existe desde 1986, já foi semanal no próprio jornal *A União*. Atualmente sai também quinzenalmente no jornal *Contraponto*. Não por coincidência, a coluna leva o nome de um de seus primeiros livros de ensaios sobre a literatura no estado. Já aos domingos, sua coluna de crônicas chamada *Letra Lúdica* sai também no jornal *A União*. É um texto mais solto que pode transitar entre um conto, um poema em prosa ou uma crônica.

POLÊMICAS E DIÁLOGO

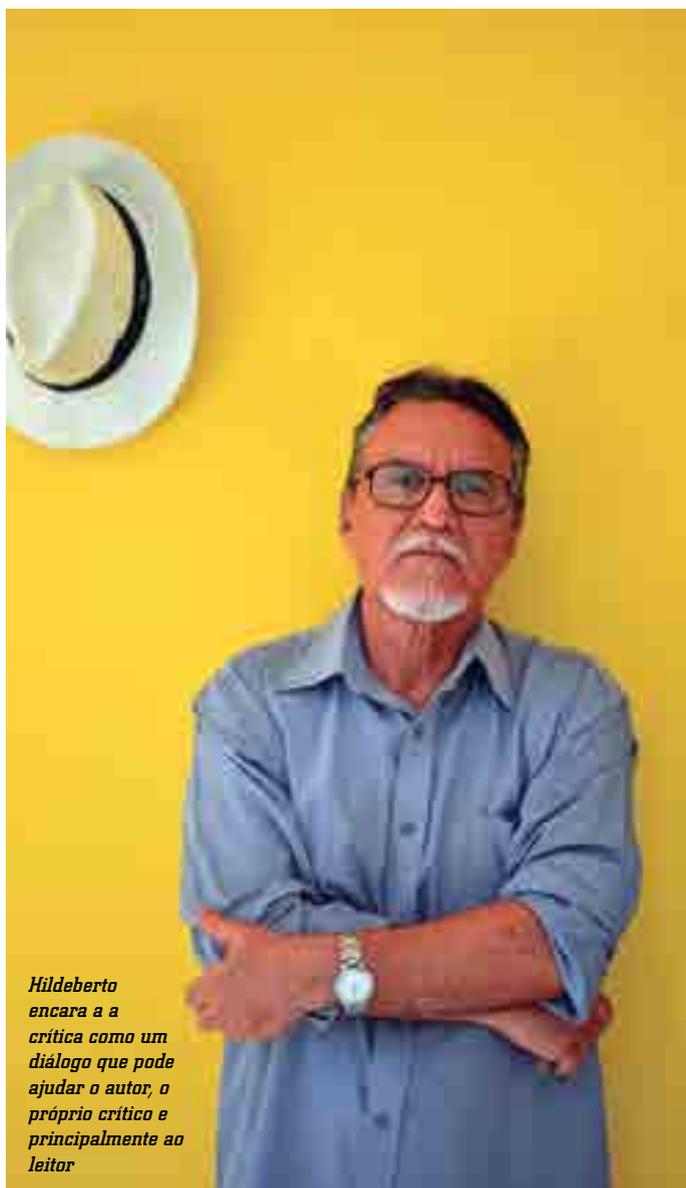
Como professor, pesquisador e colunista, sempre deu ênfase à literatura paraibana e nordestina. Encara a crítica como um diálogo que pode ajudar o autor, o próprio crítico e principalmente ao leitor. “Às vezes, fora dela, o autor não tem nenhuma resposta sobre seu trabalho”, diz o colunista. “Não me considero um crítico fechado que vai demolir, dar a palavra final. Mas também não é o caso de passar a mão na cabeça”. Para ele, o ideal é se comportar como um leitor que tem mais base. “A gente também não pode ir para o texto de forma muito aberta, muito ingênua. Temos de trazer elementos para que o texto possa falar até mais para os leitores”.

Mesmo a postura moderada e o texto elegante provocaram alguns embates acalorados com nomes como o romancista e ator Waldemar José Solha, polêmica que Hildeberto reproduz em *As coisas incompletas* (2013), seu terceiro livro na categoria que ele denomina como jornal (no sentido de diário íntimo) literário. Solha foi duramente criticado por ele pelo romance-ensaio *Zé Américo foi príncipe no trono da monarquia* (1984). No final da polêmica, Hildeberto voltou atrás e fez uma auto-crítica. “Fui eu que atirou errado. O crítico às vezes atira errado”, reconhece hoje.

Lembrando da afirmação de Fidelino de Figueiredo, para quem o crítico é “um solitário sobre penhascos batidos de rajadas sibilantes”, Hildeberto relewa as polêmicas que enfrentou. “Uns reagem muito mal, mas outros não. Alguns chegam ao nível da desafeição, do rompimento. O que fazer? São coisas da vida, inevitáveis. Tem uma máxima que eu gosto que diz haver somente uma coisa pior do que ter inimigos: é não tê-los”. Hildeberto chegou a afirmar que a verdadeira sociedade dos poetas mortos eram os nordestinos. “Nós éramos inéditos e ninguém nos lia, só os desafetos. Os amigos não lêem. Aqui se publica livro toda semana e ninguém lê o livro de ninguém. O que nos salva são os desafetos. Esses vão nos ler, nem que seja para criticar”.

Para ele, existe na província um “processo de justificação e de autojustificação, uma fantasmagoria geral”. Com senso de humor, tenta ver isso como um certo teatro, uma encenação. “O artista é muito complicado, é o *gauche* de Drummond, ele não está confortável em canto nenhum, e se alguém diz que ele é bom, ele acha que é Camões. Esse é o universo do mundo artístico. Tem que ter compreensão também. Todas as épocas registram fatos os mais malucos. Tem gente genial e tem gente que passou por genial sem ser.”

Hildeberto Barbosa é um grande conhecedor da história da crítica literária. Admira George Steiner e cita com prazer e frequên-



Hildeberto encara a a crítica como um diálogo que pode ajudar o autor, o próprio crítico e principalmente ao leitor

cia T. S. Elliot. No Brasil, entre os mais antigos, elogia Alceu Amoroso Lima e Agripino Grieco. Cita também o maranhense Osvaldinho Marques. “Essa turma mais conhecida, como David Arrigucci e João Alexandre Barbosa, mesmo sendo de cátedra universidade, não tem um texto chato e pedante”.

Gosta muito de escritores que atuam como críticos, como Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes e Milan Kundera. Entre os brasileiros, além dos antigos como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Lêdo Ivo, Haroldo de Campos e Josué Montello, admira o trabalho de crítica de autores mais novos como Cristóvão Tezza, Miguel Sanches Neto, Milton Hatoum e José Castello. “São leitores inteligentes”.

Hildeberto defende que o texto crítico está no mesmo patamar da poesia. Mesmo com seus processos objetivos, sua racionalidade, “a crítica tem de ser iluminada, poética”. Diz não admirar o texto “muito acadêmico, fechado, muito linha de produção como se faz na universidade”. Uma crítica que em lugar de fazer o poema falar, dá voz ao teórico o tempo todo. “Citações em cima de citações, uma exibição de erudição que no fundo esconde um vazio de conteúdo”. Na coletânea de ensaios *A Constelação dos Signos*, ironiza o que chama de “uma certa crítica sisuda, acadêmica, crítica de óculos pesados e bisturi à mão, vassala de métodos e esquemas estatísticos, com setinhas, organogramas e tudo o mais”.

▸ SABORES DA ROTINA

Desde que se aposentou, a rotina de Hildeberto tem sido frequentar e conviver com sua biblioteca. “A rotina tem seus sabores. Ninguém faz nada sem uma disciplina e repetição. Isso não tem nada a ver com monotonia e chatice”, vai logo avisando. Mantém com os livros uma “convivência crítica”, como o nome de sua coluna. Arrumando, limpando, mudando livros de lugar, passa o dia todo na biblioteca e escreve também lá. Admite que às vezes, leva três dias para arrumar uma fileira de livros que poderia ser arrumada em meia hora. Durante a arrumação, lhe veem ideias e *insights* que levam a mais leituras, pesquisas e à necessidade de escrever. “A biblioteca é um elemento muito impulsionador”.

O devaneio literário não o impede de manter os pés no chão. Os sabores da rotina e da disciplina também tiram o colecionador da biblioteca. O vasto currículo de realizações intelectuais e o peso (literal e metafórico) da bagagem cultural e livresca que acumulou não impedem que leve uma vida simples e pacata, que não parece combinar com o conteúdo “agônico” de boa parte de sua produção poética. Cultiva os passarinhos, ouve boa música. Sábados e domingo são dedicados à convivência com a família: a neta pequena, Lara, as filhas Mariana e Carolina e a mulher Vera. Boêmio e bom de papo, encontra amigos nos bares para uma cerveja. Gosta de futebol e não perde na televisão os jogos dos rubro-negros Flamengo, do Rio, e Campinense, de Campina Grande.

Mas é sua biblioteca e sua trajetória como homem de letras e livros que o distinguem. “Cultivo muito ficar olhando os livros, é um prazer erótico no mais largo sentido da palavra. A leitura tem essa eroticidade. Lembro-me da frase de Jorge Luis Borges que diz ‘A leitura é uma forma de ser feliz’. Penso muito por aí. Vejo nesse sentido do toque



do livro, do cheiro, do arrumar. Às vezes tem um livro velhinho, levo para colocar uma capinha dura, tudo faz parte desse universo, dessa convivência”.

Considera-se um leitor “muito dispersivo”, que gosta de tudo. Tudo lhe atrai e lê vários livros ao mesmo tempo. Chama isso de “leitura circular, mas no bom sentido”. Quando fez mestrado e doutorado e como professor, fazia leituras sistemáticas para dar aula. Mas o leitor mesmo não é assim. “Uma coisa é estudar, outra é ler. Estudar é uma coisa mais pesada, mais árdua, porque geralmente se estuda para obter um resultado para os outros, é um trabalho. E ler não é trabalho, é uma experiência de amor”.

O escritor e seu habitat natural, a biblioteca que mantém em casa: é da arrumação dos livros que lhe veem ideias e insights

▶ IDIOSSICRASIAS

Apesar de ser forte no ensaísmo, na crítica literária e na poesia nordestina, o que acha mais importante na biblioteca não é o que ela tem de singular e sim sua variedade. “Tem coisas que quase ninguém conhece, mas a biblioteca foi feita para tornar vivas essas coisas. É como um museu que não é lugar de coisa morta, mas é para preservar e dizer que está viva. O autor está vivo, está aí”.

Hildeberto defende uma “catalogação subjetiva, muito mais lúdica do que operacional”. Nesse exercício de organização pessoal e idiossincrático, atribui nomes às estantes onde guarda a obra de determinados escritores de sua preferência e livros correlatos ao universo daquele autor. Alguns exemplos são as estantes *Pedra Bonita* (com a obra de José Lins do Rego), a *Onça Caetana* (com Ariano Suassuna), a *Vaza-Barris* (com Euclides da Cunha), a *Missa do Galo* (com Machado de Assis), a *Casa Grande & Senzala* (com Gilberto Freyre), a *Claro Enigma* (com Carlos Drummond de Andrade) e a *Tabacaria* (com Fernando Pessoa).

Nessas estantes, Hildeberto diverte-se promovendo “encontros” de autores que, em vida, estiveram distantes por razões geográficas, ideológicas ou estéticas. Alguns, embora fossem contemporâneos e conterrâneos, nunca se encontraram pessoalmente, como é o caso dos russos Liev Tolstói e Fiodor Dostoiévski que dividem as prateleiras da estante *Crime e Castigo*. “Tenho o prazer de botar na minha estante os dois juntos. A gente tem essas fantasias, esses delírios em torno do amor ao livro.” Para completar, por perto está também a obra de William Shakespeare, autor detestado por Tolstói. A biblioteca pode ser um lugar de tensão e conflito também, conforme lembra o bibliotecário Luís Milanese. “Toda ordem tem uma desordem por dentro. A biblioteca é um espaço extremamente rico, complexo mas algo perigoso, em vários sentidos”, teoriza Hildeberto.

O crítico literário francês Charles-Augustin de Sainte-Beuve di-

vide espaço com Marcel Proust, que viria a criticar duramente suas concepções sobre literatura. “Todos os livros de Alceu de Amoroso Lima eu coloquei, propositalmente ao lado dos de Gustavo Corção, uma cara da direita com um texto maravilhoso, que ficou esquecido porque foi patulhado”. Assim, os adversários nas polêmicas durante algumas décadas do século vinte continuam trocando farpas.

Hildeberto admite também o que considera como “afinidades meio malucas”. Apesar de politicamente não ter nada a ver com o ex-governador fluminense Carlos Lacerda, gosta muito do seu texto e guarda muita coisa sobre ele. E acrescenta. “Tem três caras da história brasileira que tenho admiração profunda, Carlos Lacerda, Getúlio Vargas e Luiz Carlos Prestes. Três inimigos entre si, ideologicamente, mas sou fascinado pelos três, as figuras mais importantes no país, para fazer o bem e para fazer o mal”.

Um das estantes é dedicada a obras que tratam do próprio livro como objeto. Ali estão títulos clássicos como *Os Livros, Nossos Amigos*, de Eduardo Frieiro, *Como Falar dos Livros que não Lemos*, de Pierre Bayard, *Rua do Ouvidor 110 – Uma História da Livraria José Olympio*, de Lucila Soares.

Hildeberto diz que não tem “o menor pudor” com seus volumes. “Eu marco as páginas, escrevo com tinta, com caneta mesmo, o interesse é só para mim, leio anotando”. Na página de rosto, coloca seu nome e sobrenome, um acima do outro, como se fosse um *ex libris*. Embaixo, a data de compra e a cidade. O que falta de lustro visual exterior aos livros - devido à grande presença de títulos comprados em sebos em condições variadas - é compensado pela qualidade intrínseca aos volumes, seu valor histórico e orgânico.

PIVÔ NO NORDESTE

Os longos anos dedicados à crítica literária na imprensa paraibana, - dando sempre muito

destaque à produção local e aos escritores nordestinos - permitiram estabelecer um contato intenso com intelectuais de estados vizinhos. Boa parte da produção em livros da região passou pelas mãos de Hildeberto, foi comentada em suas colunas e está guardada na sua volumosa biblioteca. Seria ele uma espécie de pivô dos escritores do Nordeste? “Quem diz isso é Ângelo Monteiro”, responde o crítico ao citar o poeta alagoano, radicado no Recife. Os contatos levaram a convites para palestras em toda a região. Através dele, escritores vizinhos, separados pela estranha geografia cultural brasileira, romperam de alguma forma a necessidade de passar pelo eixo Rio-São Paulo. “A coisa foi se multiplicando de forma artesanal, sem tecnologia”. Até hoje recebe quase diariamente livros pelo correio.

Esse intercâmbio levou à publicação de uma série de textos críticos sobre poetas de alguns estados da região. Foram publicados quatro livros relativos aos estados do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. O volume de ensaios sobre poetas de Pernambuco ficou pronto e trata basicamente dos nomes da Geração 65. Chama-se *Pelo Rio das Imagens*, mas não chegou a sair por problemas com a editora.

A ligação que tem com o Recife é antiga. Foi amigo próximo de Alberto Cunha Melo (1942-2007) e é ligado a nomes como Janice Japiassu, Ângelo Monteiro, Dione Barreto e Jomard Muniz de Brito, que alias o chama de Hildebarthes, numa referência ao teórico e semiólogo francês Roland Barthes, uma das admirações do colecionador paraibano. Colaborou na seção *Panorama* do *Diário de Pernambuco*, na época editada por César Leal e Marcus Prado. Um de seus livros, intitulado *Comarca das Pedras*, sobre sua Aroeiras natal, teve o título inspirado no *Comarca da Memória*, escrito pelo poeta Jaci Bezerra.

No Recife, deu aulas num curso de especialização na Universidade Católica de Pernambuco. Aprecia a movimentação boêmia nos mercados públicos da cidade. “Considero uma cidade um pouco minha também. E tem um ▶

- ▶ verso de Lêdo Ivo que eu acho genial, a respeito de cidades, em que ele diz: ‘Mulheres todas, cidade só uma, Recife’’. Lembra também a ligação de Augusto dos Anjos com a capital pernambucana. “Ele incorporou muito da coisa insólita e bonita dos rios, das pontes como a Buarque de Macedo”.

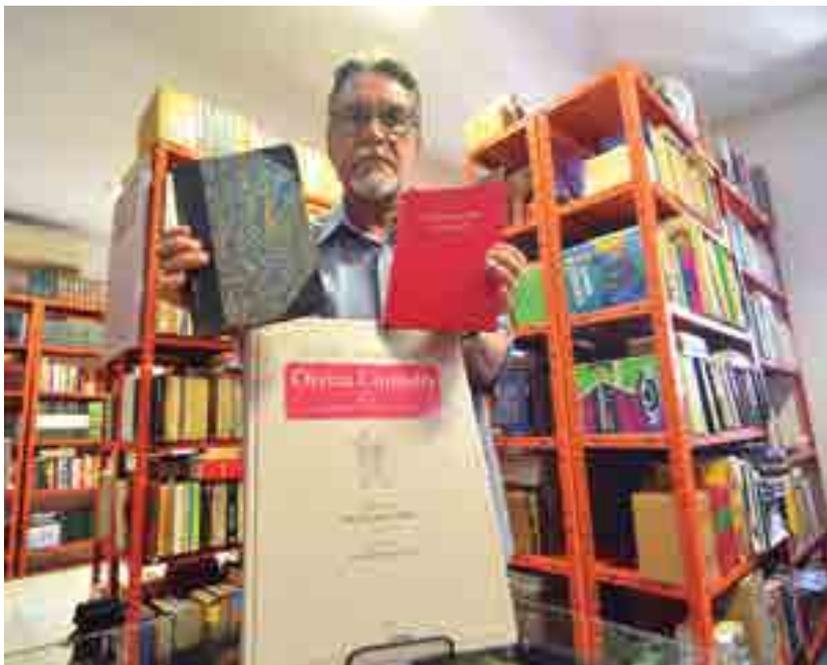
CRÔNICA E POESIA

Dono de um texto impecável que alia clareza, força, riqueza vocabular, carga poética e destemor pela crítica – pouco comum nas províncias – Hildeberto vem lançando livros numa média de dois por ano. *Os Livros – A Única Viagem* (que reúne crônicas publicadas por ele sobre o assunto entre 1989 e 2017) é um dos maiores manifestos de amor ao objeto de sua devoção.

Sua fluência no uso da língua pode ser verificada na crônica ‘Livros Inacabáveis’, de 2016. Discorrendo sobre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ressalta a “vitalidade anêmica de sua terra, descrita ao calor estupendo da fraseologia poética e cadenciada, transmutando-se, a cada passo dos parágrafos geometricamente arquitetados e dos vocábulos angulosos e arredios, numa das personagens centrais do drama histórico e da cosmologia cósmica e ecológica que vibra nas epifanias de cada página. Leio e releio e não me canso dessa aventura entre o saber e o sabor”.

Ou nesse trecho no ensaio intitulado ‘A Casa da Palavra’, publicado em *A Constelação dos Signos*: “Uma academia é uma instituição cultural e não um Olimpo, um Parnaso, uma galeria de iluminados que, acostumados ao signo da imortalidade, vivem isolados do mundo factual, bebericando o chá da glória e cultivando o relicário da tradição”.

Hildeberto atribui seu estilo às intensas e heterogêneas leituras que o marcaram e sua vivência no meio rural, exposto aos elementos da natureza, às plantas e aos bichos. Sua produção poética, declaradamente construída em torno da “angústia existencial”, tem também as vertentes da pai-



Hildeberto atribui seu estilo às intensas e heterogêneas leituras que o marcaram e sua vivência no meio rural, exposto aos elementos da natureza, às plantas e aos bichos

sagem e dos jogos de linguagem. No livro de poemas *Dançar com Facas* (2016), por exemplo, o pessimismo com a existência pode ser visto em ‘Procura’: “Se na vida / algo procurei / foi a mim mesmo/- teimosa procura // Digo: pouco me encontrei, / nunca me vi, / e quando me encontrei, / e quando me vi, / não me reconheci”. Ou em ‘Mapa’: “Fosse ilha / muitos acidentes / me cercariam. // Continente, / quantas coisas não teria. // E não sou mar. / E não sou terra. / E não sou rio. // Meu mapa / nula geografia”.

A concisão máxima está no breve ‘Poesia’: “Luz / e silêncio”. E o curioso poema ‘Plano de Aula’ une sua origem de professor à paixão pelos versos: “Conteúdo: / objetos intangíveis. (...) // Objetivos: / instaurar o devaneio / apostar no milagre / beber o cálice do êxtase (...) // Metodologia: / poesia, poesia, poesia”.

Hildeberto começou publicando críticas duras em jornais. Era jovem e queria se afirmar. De vez em quando arriscava um poema no *Correio das Artes*. “Criou-se uma expectativa e esperavam de mim uma poesia cerebral, à lá João Cabral de Melo Neto”, lembra. Mas seu livro de estreia, *Geometria da Paixão*, já aos 32 anos de idade, nada tinha a ver com isso e causou surpresa. “Sou um poeta do delírio na linha de Jorge de Lima, Augusto dos Anjos, Bandeira, vou na linha do afeto, da harmonia. E aí ninguém en-

tendeu nada. Disseram: ‘o cara diz uma coisa na crítica e faz outra’”, lembra. Acha a leitura essencial para a formação do poeta. “Ler de ‘legere’ no latim tem duas significações: colher e escolher. Quem faz poemas colhe e escolhe palavras. É um gesto crítico. A minha poesia nasce muito da leitura”.

Em 2018 publicou *A Constelação dos Signos (Ensaios Literários)* e *Ariano Suassuna – Pelas Pedras da Poesia*. Em 2019 publicou um novo livro de poemas, *As palavras me escrevem* e um de crônicas, *Valeu a pena*. Tem em casa muita coisa a ser publicada. Um dos projetos é organizar em livro coisas que saíram somente na imprensa diária. “Não publiquei nem um terço”. Mas vê a tarefa com entusiasmo. “Organizar a vida intelectual é uma forma de organizar-se interiormente”.

▶ EXPERIMENTOS

“Nada mais vã do que a vanguarda pela vanguarda”, diz Hildeberto quando perguntado sobre sua posição em relação ao experimentalismo na literatura. Valoriza a poesia concreta, o neoconcretismo e a poesia-práxis apenas como movimentos experimentais. “São mais exercícios críticos em torno da linguagem do que uma criação poética. Foram importantes porque frearam um pouco um movimento de banalização que estava havendo na poesia brasileira, um certo derramamento. Deram uma certa consciência de que se deve limpar a palavra”. Mas, para ele, a afirmação de que o verso estava morto só pode ser entendida dentro do contexto do momento. Lembra que os próprios últimos livros de Haroldo de Campos são de “versos até metrificados”. Excepcionalmente um poema como *Coca-Cola* (1957), de Décio Pignatari, acha que não deixaram um legado poético. Lembra a afirmação do cineasta russo Andrei Tarkovski: “A vanguarda é um experimento e não é um resultado”. E Hildeberto conclui: se o poema for só experimentação, não é poema. O poema ter de ser o resultado, a obra acabada. “A vanguarda abriu uma nova linha, mas como realização em si, você conta nos dedos o que ficou”.

Transitando entre as páginas dos jornais, a universidade (até 2016), a Academia Paraibana de Letras (onde é membro desde 1999) e os livros de poesia e crítica, Hildeberto Barbosa ainda tem expressado sua inquietude em projetos paralelos que bebem um pouco em todas essas fontes. Foi o caso, por exemplo, da criação da *Ler, revista de cultura*, que teve 11 números, entre 1990 e 1995, com o objetivo de publicar textos diversos e revelar gente nova. A revista era a ponta-de-lança de um projeto mais amplo através do qual foram realizados seminários para o público universitário sobre temas considerados, na época, heterodoxos como a mentira, a paixão, o riso, o medo, a blasfêmia, abordados por deba-



tedores que expressavam visões de campos do conhecimento os mais diferentes possíveis. Entre os rebentos do projeto está a criação da Editora Ideia, que hoje publica seus livros.

Entre 1994 e 1998, Hildeberto editou o *fanzine* chamado *Palimpsesto: uma pauta aberta*, folha que teve 82 números circulando pela UFPB (com tiragem de 500 a mil exemplares). Publicava colaborações informais de alunos e professores dos mais variados gêneros: provérbios, fotos, cartas, poemas, manifestos, indicações de leituras. Os *fanzines* saíram também em forma de livro, numa edição fac-similar, de 2015.

A POESIA VOA

Outro projeto realizado em João Pessoa foi chamado de “A poesia voa” – tirado de um verso do cearense Francisco Carvalho (1927-2013) que diz “a prosa anda a cavalo, / a poesia voa”. A iniciativa consistia em vender a amigos livros de um poeta convidado, antecipadamente, e com o dinheiro arrecadado, levar o autor para ler seus poe-

mas num café cultural no centro histórico de João Pessoa. Estiveram na cidade nomes como Alberto Cunha Melo, Luiz Carlos Monteiro, Ângelo Monteiro, o cearense/pernambucano César Leal, Carlos Newton Jr., além de Sidney Wanderley, de Alagoas, e Marize Castro, do Rio Grande do Norte.

O voo da poesia remete a outra metáfora sobre leituras que é da predileção de Hildeberto, desta vez tirada do livro *A bela borboleta*, do escritor e cartunista Ziraldo. “Ele escreveu que o livro é como uma borboleta, o homem se liberta lendo, e a borboleta se liberta voando. À medida que se passa as páginas, a borboleta vai voando”.

Entre citações, metáforas, teorias, memórias, livros, borboletas e seus amados canários belgas e pintagóis que cantam sem cessar, Hildeberto Barbosa Filho vai vivendo os sabores da rotina, lembrando sempre da frase “fora de moda” citada por Barthes, presente no livro *Aula*, sobre o que afinal constitui a sabedoria de viver, a tal *Sapientia*: “nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o máximo de prazer possível”. ◀

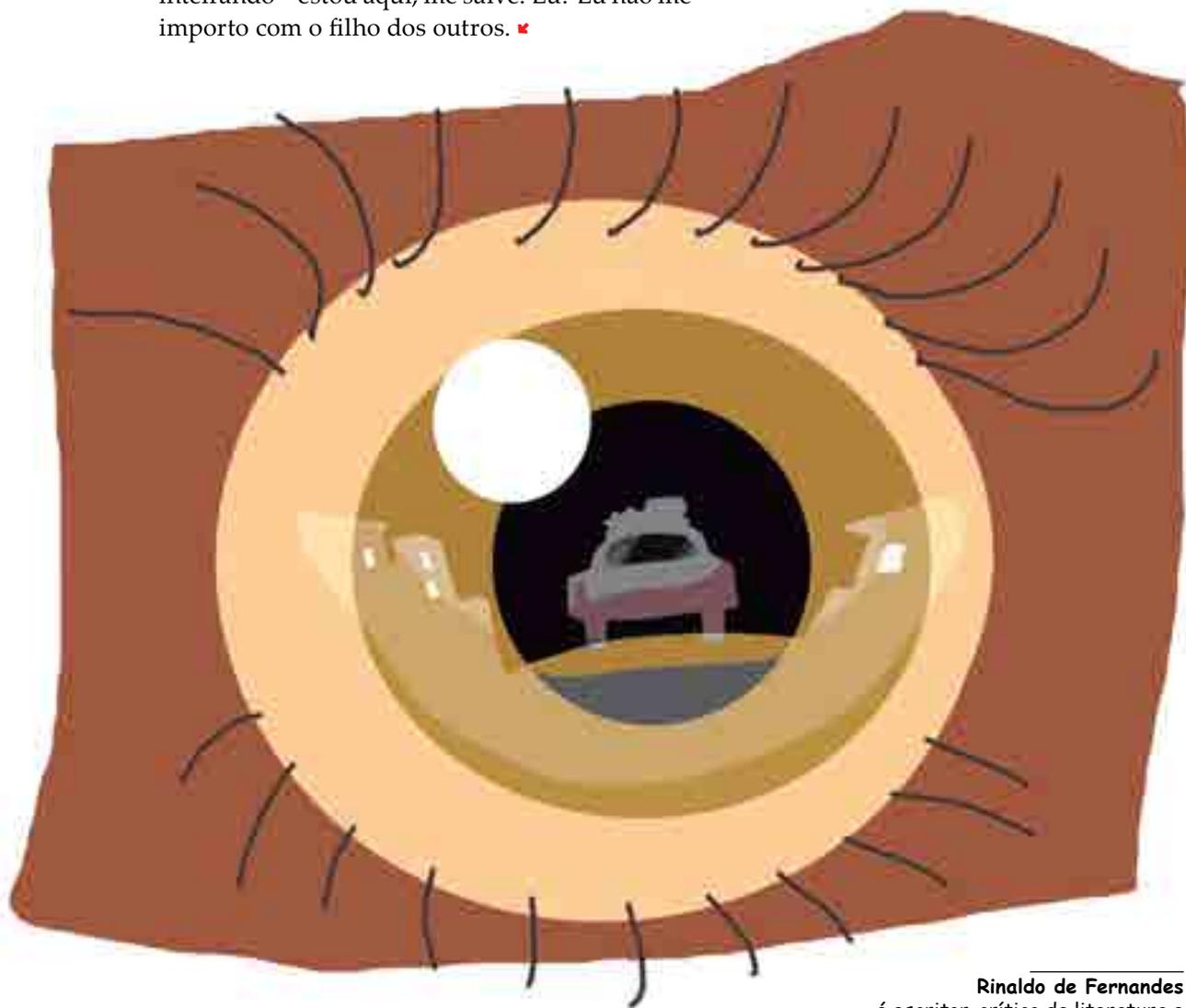
Marcelo Abreu é jornalista, autor do livro-reportagem ‘De Londres a Kathmandu’ (Record, 1998).⁽¹⁾

Rizemberg Felipe.⁽²⁾ Primeiro fotógrafo internacional do Jornal da Paraíba, nasceu no Dia internacional da Fotografia, 19 de agosto. Foi aluno do curso de cinema e fotografia da New York Film Academy (EUA), é professor de fotografia e imagens fotos renderam vários prêmios e reconhecimentos de diversas instituições. Mora em João Pessoa (PB).

O filho *dos outros*



Meus vizinhos foram embora e deixaram o filho. Deixaram o pequeno preso dentro da casa. Trancaram portas e janelas e partiram no carro de vidros escuros da família. Partiram abandonando uma criança muda. E, sem palavras, a criança usou o nariz. Saiu cheirando os orifícios da casa. Até encontrar um onde meteu o rostinho vermelho de tanto terror. Um rostinho com pestanas batendo aceleradas, como que me inteirando – estou aqui, me salve! Eu? Eu não me importo com o filho dos outros. ❖



Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

Everaldo Dantas da Nóbrega

Diálogo poético

- O Poeta...
- É um sentimental
Que em tudo vê poesia
E dá toques de magia
Do simples ao fenomenal...
- Como?
- Com espontaneidade
E o uso da palavra,
A escrita ou falada,
Ou noutra modalidade...
- Pode?!
- Tanto que na jardinagem
O poeta da tesoura
Faz poema tecendo loa
E à planta dando imagem...
- Assim...
- Homenageia o amor
Qu' ele tem no coração
Com sua imaginação
Revestida de fervor...

Help

Dois olhinhos, duas pérolas
No rostinho madrepérola
Dessa menina de trança.
Olhar sereno, radiante,
Lindamente cativante
Nessa menina de trança.
Riso bonito, gostoso
Moldurando o belo rosto
Dessa menina de trança.
Há isso e muito mais
De atributos especiais
Nessa menina de trança.
Por isso que com fervor
Eu lhe rendo meu louvor
Linda menina de trança!



Amor, amor...

Amor não é o corpo,
Que este envelhece
Nem e a beleza,
Que esta desaparece.

Não é o sexo,
Que ele fenece
Nem a presença,
Que ela arrefece.

Amor, amor
São atos, ações,
Sinceros, leais,
Com suas emoções.



Everaldo Dantas da Nóbrega é advogado, jurista, escritor e poeta. É membro da Academia Paraibana de Letras Jurídicas, é autor de diversos livros na área de Direito, de crônicas (como 'Escaninhos da Memória', 2005) e de poesia (a exemplo de 'Filigranas da Vida', 2003; 'Amor à Poesia', 2015, entre outros). Mora em João Pessoa - PB.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

A gravura sem nome

Josafá de orós

Especial para o *Correio das Artes*

Um pouco de verniz num pote, as cerdas duras do pincel, a boneca de algodão toda amarrotada com supostas digitais, as unhas amarelecidas e uns veios cor de terra siena escurecendo as duras cutículas, um copo de vodca vazio. Lascas de limão com formigas meio atônitas desenhavam o beiral do copo, antes de se enfileirarem em direção ao sanitário. Os óculos aos pedaços no chão, pequenos fragmentos com grau acentuado sobre o libreto aberto d’A paixão Segundo São Matheus, uma edição portuguesa de Cartas a um jovem poeta, com pequena

fissura na capa, comprimido sob a coxa direita. Dentro do livro, quase em seu meio, grosseiramente, um canivete carmin marcava uma folha em branco. Dois marcadores surrados sobre o tapete. Nos marcadores, sob uma caligrafia nervosa e pesada, três anotações curiosas. Grafite de mistério, força e gênio incomum que não se apaga fácil.

Acima da escrivaninha, sacrificada a prego como Cristo, na parede, aquela litografia anônima, não numerada, era a lembrança mais viva. Ali na sala, além da gravura mostrando uma apavorante cena com animais bizarros em sangüinário conflito, mais duas pinturas tristes e uma pena de pavão albino apontando para o teto manchado. Uma bela escultura de Dom Quixote com a lança quebrada, fazia reluzir em seu escudo símbolos arcaicos desconhecidos. ▶

► Um pote de latão, em formato de hídria antiga, trazia esbeltas figuras egípcias em negro e exibiam, sob uma moldura de irretocável silêncio, duas margaridas murchas, despetalando-se. A hídria sobre os papéis era peso que resguardava o bilhete do vento irrequieto que chegava pela fresta entre o parapeito e a janela. A porta com os dois ferrolhos tortos, banhada de um azul cerúleo meio craquelado, donde gritava fosco branco de zinco, ainda estava fechada. Na verdade, vedada, e bem vedada, inclusive com a escura e aromática cera de abelha tapando estreitas frestas e minúsculos furos. O relógio sobre a bandeira da janela, relógio antigo e do mais lindo móvel, carregava a poeira indelével do tempo. Havia estacionado o peso das horas sob as suas costas. Um relógio com cara de ancião exausto, dominado pelo próprio tempo, deixou o ponteiro grande deslizando sobre o pequeno há dias. Sísifo enclacrado! Caixinha de dolorosa música. Mãe de um ruído leve e intermitente, de insuportável repetição, maçante. Massacrava ao seu modo meus tímpanos de uma maneira tal que, passados longos dias, minha cama repete de maneira sistemática um estalar estridente e silente, contraditoriamente. É como se quisesse armar uma conversa com os mestres do tempo.

Um clima espantoso se desenhava desde o momento em que vi aquele sujeito inerte no chão. Não era algo pavoroso, mas havia um quê de medo em todo canto. Dependurado nas linhas da casa, feito morcegos de feltro, lançando suas sombras nas paredes, um medo entrava pelos poros, se entranhava em minhas vísceras. Era como se o mundo e o meu mundo tivessem alicerces de vento e fossem ruir a qualquer momento e despencar para um mundo sem chão, infindo abismo no meio de um belo sonho. Mundo enevoado, terno em seu silêncio, sem fantasmas.

Parecendo-se com algo triste quando bate a nossa porta ou invade de surpresa nosso coração. Se demorasse muito olhando pra maquinaria inerte daquele medidor do tempo veria, sei, anões lá dentro armando o estapafúrdio contra mim. As ferramentas largas ao lado. Anões com seus barretes maquinando, ignóbeis desocupados. Aquilo para mim era uma coisa insana e mexia com os meus nervos. Provocava-me um suor es-

tranho. Uma tremedeira nos lábios e nas pálpebras.

Nessa estranheza sem par, de repente algo me assaltava os sentidos e eu ficava, por segundos, inteiramente entregue a um inferno escuro, onde anuns de fraque me olhavam e me desejavam. Mas meu corpo tremia sob intransigentes e coloridas sinapses. Epiléticas pinceladas de azuis. Serpentinadas vorazes em torno de mim. Gritos descalços de certo Van Gogh em meio ao tragal maduro. Corvos negros ponteando todo o céu. Espocares distante de estrelas. Nascimento descontrolado de mundos. Meus céus!

Com os olhos fechados, os meus cegos de guia. Os meus Borges entre livros. Os olhos brancos de Homero. Um tocador de marimba de pau esmola o seu armorial lamuriento. Mendigos de feira. Caolhos batem a janela! Camões nas nuvens sobre o Tejo. Pensava eu que aquelas imagens e o pulsar feroz das minhas veias me vinham porque apareciam como as únicas saídas. Pontinhos de luz eram sinapses e silêncios querendo beber palavras. Palavras nuas. Palavras pulsando em suas placentas de vidro. Alegravam-me e os meus olhos novamente ofuscados.

A sensação plena de que ali se desenhavam novas fronhas, alforjes para levar palavras sem armaduras. Palavras para martelarem suas entradas novamente e de volta e a noite. Navegantes sem rumos nos interstícios da minha cabeça, nas gavetas, nas cisternas desconhecidas. Sonhos, sonhos. Era ali, cria eu, que encontraria os manuscritos perfeitos, mundos sobre os quais eram esboçados os caminhos que me salvariam. Certamente me salvariam! Mas, me salvariam de quê? Não sei!!

Sempre que involuntariamente fechava os olhos em cochilos e sonhos, sentia que algo me fazia provar a sensação do eterno, ainda que em momentâneos estalos. Ciclopes musculosos, de cabelos encaracolados, do nada apareciam e me salvavam a lance com confortáveis puçás quase transparentes feitos de gaze, costurados com lisa e fina linha de seda, apanhavam-me no ar, apanhavam-me

na minha particular brevidade. Um pulsar!

A inglória luta 'sisífica', ao que parecia, queria novamente se apresentar como o dedo de Estamira, sem deixar minha cabeça vaga por um minuto. Nem um segundo sequer! Desde que deitei meus olhos sobre a mancha do vidro da janela, meu olhar ficou preso entre a cortina e a parede. Fora, certamente, tecida iniludível trama, mandinga botada naquela mesinha, ali, enquanto os anões tomavam café e comiam a mancheias pequenos biscoitos de coco.

Não havia nada mais a dizer sobre o caso do poeta. O que imagino que toda vila supunha confirmava-se a cada fragmento encontrado. Um silêncio estranho dominava cada casa e o quiosque da esquina. Pela vidraça tinha isso como pintura!

Os meses que havia passado fora, aspirando energias daquele verão, tinha-o, na prática, transformado no mais importante escultor hiper-realista depois do gênio de Ron Mueck. A figura humana perfeita e nua que sob a coxa direita prendia o livro de Rilke não passava de mais uma obra do gênio inominado. Havia transferido sua alma pura e gravemente inconformada àquela bela figura e fugira sem destino. Quase atordado como um cidadão comum, levou consigo apenas a roupa do corpo e a misteriosa sanguínea que habitava por trás daquela gravura sem nome.

Fazia menção dela, deixando anotado num retraço de papel, no quarto, ao lado do livro, manuscritos, dos contos A Predição de Sebastian e o Ocaso de Arthur. Textos, aliás, jamais publicados e que havia mencionado em seu testamento.

A página que parecia em branco trazia escrita em leite, herança mordaz de Vladimir Ilitch, que só poderia ser lida sob a luz de lamparina ou candeeiro. Trazia o nome da tal gravura e o nome do seu autor bem como o dia e o local no qual morreriam os dois personagens dos sonhos que subjaziam à gravura. Havia também se envolvido nos contos, mas neles não se aprisionaram. ❖

Josafá de Orós é escritor e artista plástico. Nasceu em Orós (CE), em 1965. Veio para a Paraíba nos anos 70, e mora em Campina Grande, onde desenvolve ações nos campos da cultura e das artes. É sociólogo formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Já participou de mostras coletivas e individuais no Brasil, Cuba, França, Portugal e Espanha, entre outros países. Tem publicado em diversas coletâneas em nível nacional. Sua mais recente participação em antologia foi no livro *Homenagem ao centenário de nascimento do escritor Jorge Amado*. Em 2017 obteve o título de Embaixador da Palavra do Museo de la Palabra, de Madrid, Espanha.

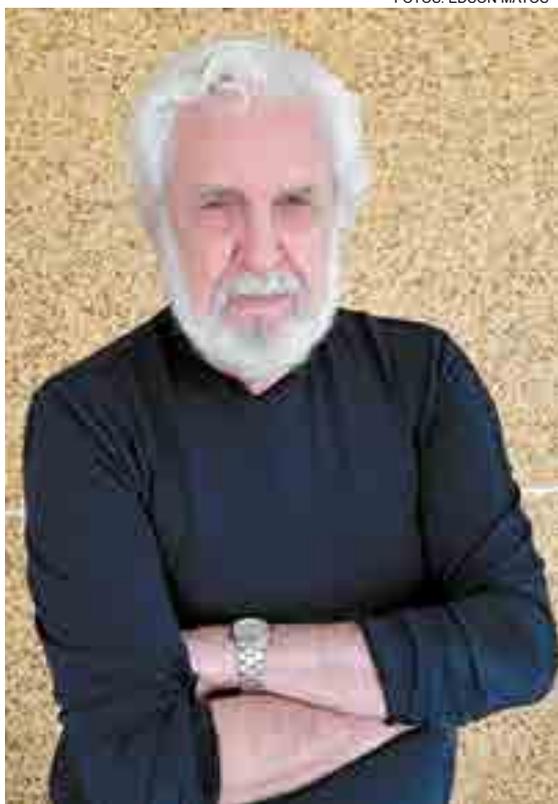
'VIDA ABERTA' conecta W.J. Solha a James Joyce

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

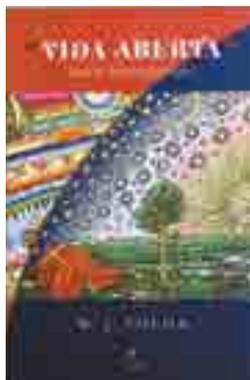
O escritor W. J. Solha está com um novo livro na praça. Trata-se de *Vida Aberta - Tratado Poético-Filosófico* (Penalux, 2019), longo poema que surpreende o leitor com caleidoscópio reflexivo sobre nossos anseios e agonias. Na obra, Solha busca enquadrar a experiência humana, mostrando que a literatura, como a vida, é cíclica, assim como está em *Ulisses* obra de James Joyce que narra 18 horas na vida de Leopold Bloom pelas ruas de Dublin. O próprio Joyce admitiu, quando a obra foi lançada, que *Ulisses* é uma adaptação da *Odisseia*, de Homero.

Vê-se em *Vida Aberta* ressonâncias de *Ulisses* em suas páginas. Não apenas no estilo ou no gênero. Joyce

FOTOS: EDSON MATOS



W.J. Solha e a capa do seu novo livro (abaixo): obra ressoa 'Ulisses', de James Joyce, no estilo, gênero e na reflexão irônica



apostou numa linguagem inventiva e inovadora em sua época em sua prosa cheia de significados. Solha não arrisca voos diferentes na linguagem, no estilo. No gênero, aposta na poesia. As ressonâncias de uma obra na outra vão, sobretudo, pela reflexão irônica sobre nossos atos, "como apache que nunca viu homem branco e lhe acha a outra... espóra".

Titanic

Essa espóra pode vir no "pique da Wallace Hartley Band, que tocou até o The... End, no Titanic". Não por acaso, o poema longo começa com essa provocação. Não foi o Titanic o maior navio do mundo, embalde naufragado pela incompetência e arrogância humanas? Pois é basicamente disso que trata o poema de Solha. Ao longo de suas páginas é isso que vemos, que lemos, que refletimos no espelho poético que ele espatifa em nossa cara.

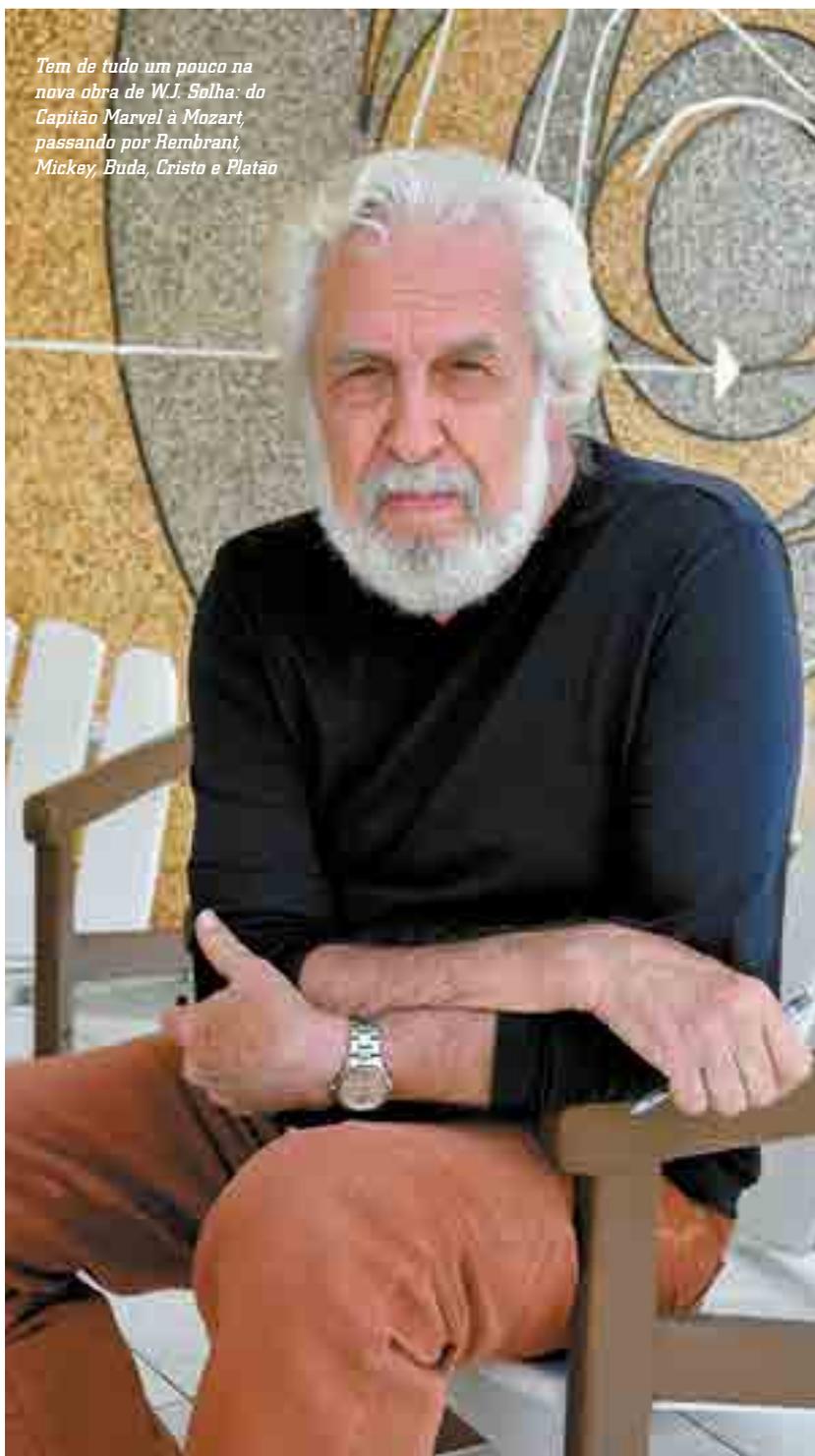
Referências não faltam na obra de Solha. A partir da epístola do apóstolo que define que só a morte nos livra do estigma de ter a vida – triste e bela – como enigma.

*"O impulso... pro estudo,
no entanto,
mostra que,
mesmo que a morte constantemente nos ameace,
ainda em vida veremos tudo,
face a face!"*

E vemos tudo nas páginas da obra de Solha. Desde o micro-monstro que devora o que pode, a Sebastião Salgado ou as traquinagens artísticas de Picasso. Desde Cortázar ampliando Verne; desde o êxodo de Moisés, às gentes, vivendo seus entretantos, morrendo...

*"... fardada, à paisana,
... fantasiada,
em fila,
desfile,
sacana,
escola de samba,
marcha,
parada,
bacana,
bandos levando moamba
no igarapé,
no grande Iang-Tsé,
em barcos
e - em terra - nos trens,*

Tem de tudo um pouco na nova obra de W.J. Solha: do Capitão Marvel à Mozart, passando por Rembrandt, Mickey, Buda, Cristo e Platão



► metrô,
ônibus,
carros,
tanques-de-guerra”

O crítico literário baiano Krishnamurti Góes Dos Anjos diz que W.J. Solha é um escritor que não ignora as amplitudes que a arte pode construir. “Sua mais recente obra editada pela Editora Penalux, constitui-se em exten-

so e profundo poema - *Vida Aberta*, que tem inclusive, o sugestivo sub-título de *Tratado Poético-Filosófico*, no qual fica patente um esforço de criatividade vulcânica. E nosso escritor filósofo almeja a constante liberdade, desejo que nos atravessa de ponta à ponta, o drama da existência”, define.

Para o crítico, a imagem que ilustra a capa é um caso típico de complementaridade, porque obra e capa confluem para pensar o drama da existência humana. Colidem no reverberar das inquietações da vida. A imagem é de autoria desconhecida e foi usada pela primeira vez na obra *Atmosfera: Meteorologia Popular* (1888) de Camille Flammarion (1842-1925). Este foi um astrônomo, pesquisador psíquico e divulgador científico francês.

Popularizador da astronomia, recebeu notórios prêmios científicos e foi homenageado com a nomenclatura oficial de alguns corpos celestes. Sua carreira na pesquisa e popularização de fenômenos paranormais também é bastante notória. No seu livro *Mysterious Psychic Forces* (que é de 1909), ele escreveu: “Que as almas sobrevivam à destruição do corpo eu não tenho a sombra de uma dúvida.”

Voltando ao livro, o certo é que está praticamente tudo nas páginas da obra de Solha: cowboys, filme dos Lumière, Rembrandt, Mozart, Gaudi, porco espinho fazendo sexo, Hawking, Mickey, Buda, Cristo, USP, Becket, Plínio Marcos, Rig Veda, Alcorão, Bíblia, Capitão Marvel, Platão... O que fazer com tais referências, é melhor nem saber.

Solha usa como epígrafe T.S. Eliot e seus quatro quartetos:

*“You say I am repeating
Something I have said before. I
shall say it again”.*

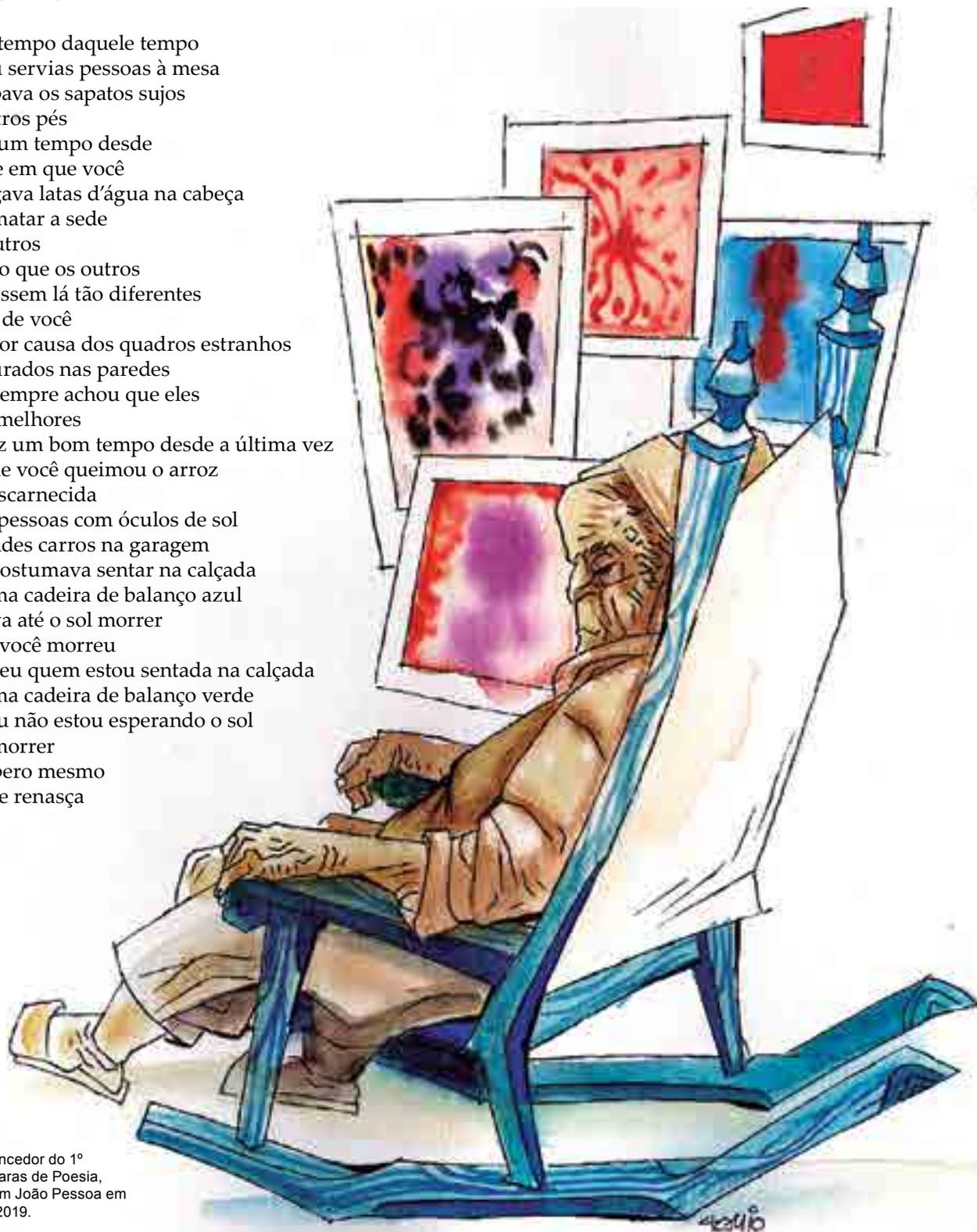
Vida Aberta pode ser a repetição de algo que foi dito antes. Mas Solha dirá novamente. E de outra forma que o leitor só vai se embriagar lendo. ❖

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nasceu em Cajazeiras e mora em João Pessoa (PB). Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Lançou, entre outros livros, *Os zumbis também escutam blues* e outros poemas, *Tara e outros otimismo* (poesia) e *O nirvana do Eu* (ensaio). E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.

Lua Lacerda

tia lucinha¹

já faz tempo daquele tempo
 que tu servias pessoas à mesa
 e limpava os sapatos sujos
 de outros pés
 já faz um tempo desde
 aquele em que você
 carregava latas d'água na cabeça
 para matar a sede
 dos outros
 mesmo que os outros
 não fossem lá tão diferentes
 assim de você
 mas por causa dos quadros estranhos
 pendurados nas paredes
 você sempre achou que eles
 eram melhores
 e já faz um bom tempo desde a última vez
 em que você queimou o arroz
 e foi escarnecida
 pelas pessoas com óculos de sol
 e grandes carros na garagem
 você costumava sentar na calçada
 em uma cadeira de balanço azul
 e ficava até o sol morrer
 então você morreu
 agora eu quem estou sentada na calçada
 em uma cadeira de balanço verde
 mas eu não estou esperando o sol
 para morrer
 eu espero mesmo
 que ele renasça



¹Poema vencedor do 1º Concurso Iaras de Poesia, realizado em João Pessoa em agosto de 2019.

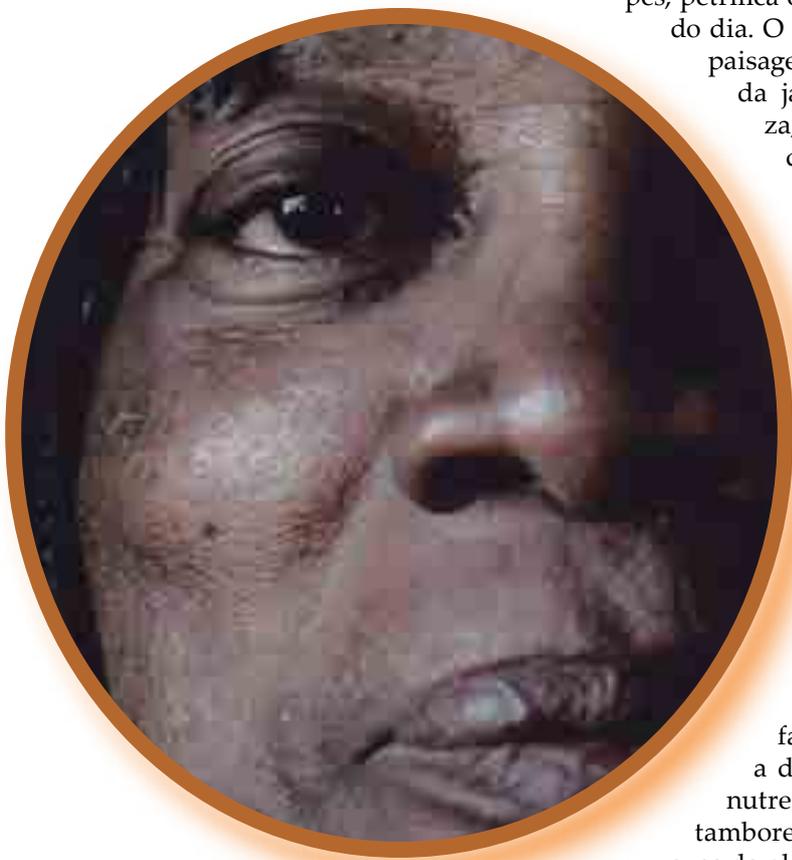
Lua Lacerda tem 19 anos. Seu primeiro livro de poesia, 'Redemunho', está no prelo e será publicado pela editora UFPB. Nasceu em Cajazeiras (PB) e mora em João Pessoa, onde faz graduação em Jornalismo pela UFPB.

De tudo se faz canção¹



DE CORES 6H10

Clareia manhã. O sol nascente descortina um mundo vasto, porém seco nesses dias e meses de estiagem. Secura fora e dentro da menina, que tem como único abraço o do sol na esquina de mais de um milhão, cuja calçada, de cimento-cinza, que reflete o sol e adere aos pés, petrifica o coração para o enfrentamento da dureza do dia. O amarelo-sol no verde-montanha cria uma paisagem embaçada de cinza-chumbo que, vista da janela lateral leste, no bairro de Santa Tereza, contraria signos patrióticos e o que se vê da janela tem cor-de-penumbra, com a qual se pinta a atual conjuntura.



DE SONS 7H

Tocam, alternadamente, o sino da igreja, na praça Duque de Caxias, e o apito do trem, na estação Santa Efigênia, em Santa Tereza. É hora de missa e da labuta da menina, que busca ideias perfeitas e palavras em estado de dicionário. Palavras e sons; e sons de palavra, ofuscados por sinos e apitos. Ora sino, ora apito. Hora de sino e de apito. Um grave outro agudo. Um crônico, outro também. Sons que se fazem canção na pisada cadenciada do dia a dia: sino, apito; igreja, trem. De que fé se nutre a menina sem deus? Da fé ecoada pelos tambores de Minas, daqueles mil tambores e das vozes do além.

¹ Esse texto nasceu no show de Milton Nascimento (foto), da turnê "Clube da esquina", realizado no Teatro Pedra do Reino, em João Pessoa, no dia 22 de agosto de 2019. Para se manter nos ares mineiros, o texto recorre, ainda, a Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Líria Porto e Adélia Prado, aos quais são creditadas algumas ideias, expressões, passagens e palavras.

▶ DE CHEIROS-CORES 12H

Na estrada que leva à Serra do Cipó, o sol do meio-dia escalda o pensamento e ajuda a menina na compreensão daquilo que ela chama de cheiro-verde: o que morre antes de nascer – natimorto, na sua condição de verde eterno – ou o que, na negação do viver, translúcido em seu verdinho duradouro, nunca chegará a amarelo-ouro. Compreende, portanto, que cheiro pode ser cor e sentimento. Por exemplo: Rosa, que é nome-cor de linguagem, pode ser cheiro respingado de alegriazinha; e coração machucado pode ser cheiro de pera que se esquece, apodrecendo na fruteira.

DE (S) SABORES 17H

Ceiça faz saborosos refogados numa esquina de asfalto e gente, em Santa Tereza. A alegriazinha sentida no cheiro das comidas refogadas de Ceiça dá lugar a um sabor de vidro quebrado. No contrassenso do cheiro e do sabor, a menina pensa que sabor também é som e ouve o craquear dos cacos em sua boca. Seriam, outrora, cacos de flor. Hoje é estranheza de xícara: vidro e corte, sabor. Ainda bem que, no perigoso do viver nessa hora da tarde, há sempre tempo-lugar de um café com queijo (único casamento perfeito) quando o que se sente na boca cheia de vidro é o gosto do imerecido beijo partido.

DE TONS 17H46

Pássaros azuis são névoa vista da janela da outra lateral oeste do quarto de dormir, em Santa Tereza. O azul que toma o céu e o grito rasgado das aves são tons de cor e de som e trazem à menina uma lembrança de papel. É Rosa, onipresentemente. É travessia, tremeluzentemente. É, resistentemente, na boca da noite, um gosto de sol. É rosa o céu desses mínimos múltiplos



Ideias, expressões, passagens e palavras de Adélia Prado (E), Guimarães Rosa (D), Carlos Drummond de Andrade e Liria Porto (abaixo) ajudaram a compor o texto desta edição



incomuns. E o grito rasgado não é som, é linguagem. Não é tom, é passagem. É Milton. São mil tons. É Minas e é Geraes. São canções do vento que não se cansam de voar; são canções, eternamente, jogos de criar, sorte e azar.

DE SENTIMENTOS MADRUGADA

Da janela lateral oeste, a menina traga enquanto vê, na estação de nome sacro, bêbados, trabalhadores e trabalhadores bêbados (porque é preciso um trago antes de dormir o sono pesado e curto, o injusto e profano sono dos trabalhadores justos). Madrugou. O trem passa direto e deixa os trabalhadores à deriva na estação. O trem (que atravessa a cidade e seus bairros com nomes de santos e suas igrejas; que, de passagem, atravessa o dia, a noite, atravessa a vida) foi-se, incrédulo. O trem é mecânico e não tem fé, assim como é mecânica e sem fé a vida dos trabalhadores, nesse caminho de ferro.



DE (S) GOSTOS

Todo o tempo, o tempo todo.

A vida seca da menina se limita ao perímetro de molduras de janelas laterais leste e oeste, das quais vê um belíssimo horizonte, num vastíssimo mundo. Pensa no seu pai Raimundo, que, sério, simples e forte, despediu-se da vida, voluntariamente. Estaria ele preso dentro de um esquadro, como o quadrado dessas janelas, tão longe do seu sertão vasto? A menina reclama do gesto que lhe foi desconsentido

e a quentura da cidade provoca nela a lembrança de um sertão, que não é o de Rosa, por onde quereria enveredar. Ave, palavra! No seco da vida e de sua miragem, imagina que uma banda do sertão é pura invenção e que a outra é só linguagem. ❖

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).



O namoro

Luiz Augusto Paiva
Especial para o *Correio das Artes*

“

*Esses moços, pobre moços.
Ah se soubessem o que eu sei.
Não amavam, não passavam,
Aquilo que eu já passei*

(Lupicínio Rodrigues)

”

Q

uer namorar comigo? Assim sem mais e nem menos que Isabel me tascou essa pergunta quando saíamos do colégio. Claro que estranhei, ela era a menina mais bonita da escola. Todo mundo achava que era Zulmira, mas eu achava que era Isabel. Zulmira fazia o 3º Normal e Isabel o 2º Científico na mesma sala que eu. Pego diante dessa surpresa, quis saber por que justo eu? Porque sim, ela respondeu. E ainda continuou com seus argumentos dizendo que eu era o mais inteligente da sala (Rodstein era muito mais inteligente que eu). Gosto de gente inteligente, interessante e que tem conversa boa, completou ela com aquele sorriso que eu achava o mais bonito que já tinha visto ▶

▶ Já imaginaram eu namorando Isabel? Quem não gostaria de namorar Isabel? Quem? Então é bom que eu conte um pouco de Isabel. Devia ter os mesmos um metro e setenta e cinco que eu. Era loira, ou quase, com aqueles cabelos castanhos bem clarinhos que lhe caíam sobre os ombros e as costas como cachos de camarás. O uniforme da escola não conseguia esconder seu talhe esguio onde nada sobrava, nada faltava. E aqueles olhos, então! Cor de mel. Delicada nos gestos, no andar, tudo em Isabel era delicado. Bonito e delicado. Ah, os seios! Como tudo ali, nas mais perfeitas dimensões, firmes, dois pomos de tentação. Era filha do Seu Almeida da farmácia e de Dona Clotilde. Moravam em um sobrado pertinho da Igreja Matriz. Bom para a mãe de Isabel que costumava confessar e comungar sempre que podia. Seu Almeida, que o padre Cirilo, chamava de “meu líder”, já fora vereador por dois mandatos pela UDN. Tentara a prefeitura, mas perdera a eleição e estava fora desse negócio de subir nos palanques desde que os militares assumiram o governo. Eram pessoas de posses e gostavam de exibir isso quando Seu Almeida, esposa e filha (Isabel era filha única) chegavam aos compromissos naquele ruidoso DKV – Vemag de quatro portas. Mas voltando àquela proposta de Isabel no portão da escola...

Como é? Quer ou não quer? Eu queria sim, mas a surpresa me pegara de jeito. Para assumir um compromisso daqueles, me constava que se tinha que pedir a moça em namoro. Ela normalmente queria “um tempo para pensar”, coisa de uma ou duas semanas e se aceitasse o Romeu tinha que ir à casa de sua Julieta pedir permissão aos pais dela. Era assim.

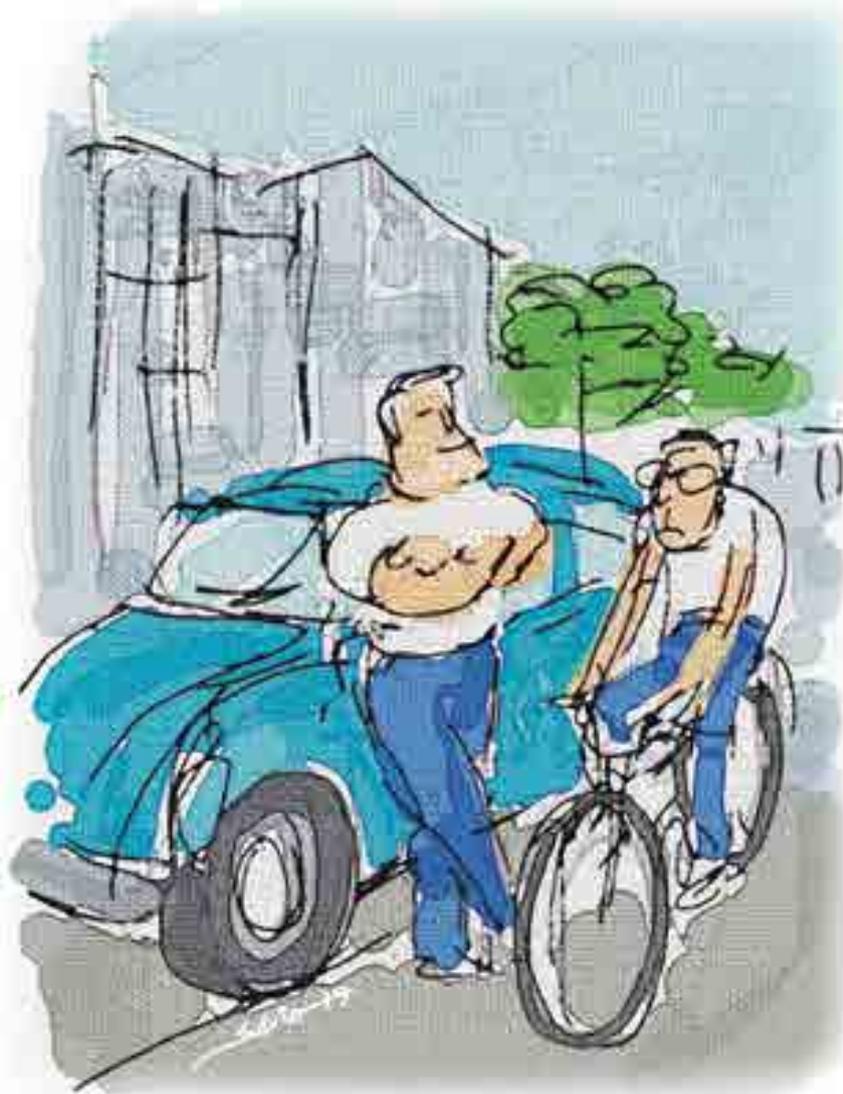
Aí mais uma dificuldade. Em casa a gente vivia na maior pendura, meu pai pulando de emprego em emprego, minha mãe como escriturária na prefeitura e juntando todos os ganhos, o orçamento não batia com as despesas. Um sufoco! Além de tudo meu pai tinha fama de comunista. Quem vai querer a filha

namorando um zé-ninguém e ainda por cima, filho de um comunista. Era só o que faltava!

Mas seu pai vai deixar, Isabel? Eu perguntei ainda meio sem jeito e sem ter muito o que falar. Ele não precisa saber. Precisa? Ponderou Isabel. Então marcamos para nos encontrarmos na fila do cinema, no domingo, para a sessão das sete. Eu havia dito para Isabel, tudo bem, eu quero namorar você. Nossa despedida foi sem formalidades, nem um aperto de mãos. Beijinho nem pensar.

Fui para a casa sem acreditar muito no que estava acontecendo. Por que eu? Está certo que eu era muito popular no colégio, vivia no grêmio e era conhecido como sendo um tanto “subversivo”, falava mal do governo e fui responsável pelo jornalzinho *Alternativa*, que sobreviveu por duas edições e depois devidamente proibido pelo diretor. Tinha notas boas e deixa eu ver

mais o quê. Mais nada. Nem era um tipo apolíneo, pois era meio magricela, míope, mas reconhecido, era como já disse, muito popular. Mas até aí, eu ser pretendido pela coisa mais linda do colégio, vai uma distância muito grande. E fui para casa pensando, como é que alguém que já namorou o Vitão, aquele um que jogou basquete pelo Tênis Clube, com quase dois metros de altura, rico de não saber quanto, ia querer namorar comigo? Naquele ano, ele estava fazendo cursinho em São Paulo porque queria entrar no ITA. Todo mundo dizia que ele é quem terminara o namoro com Isabel. Ainda bem, se fosse o contrário eu poderia ter problemas com Vitão. Falando dele, o sujeito tinha um Karmann-Ghia azul, da cor dos olhos que tinha na cara e por onde passava as moçoilas suspiravam de cobiça e nós, os rapazes, de despeito. Eu, por exemplo, só tinha minha ▶



► bicicleta Monark bem antiga que usava para ir jogar futebol lá no campo da Igrejinha que ficava na Vila Ema. Aquela danada vivia com a corrente escapando e não tinha a cor dos meus olhos. Nem podia ter. Estava com a pintura toda descascando e a cor original era cinza. Mas também pensei que uma oportunidade como essa ninguém deve deixar escapar. Comecei acreditar que eu devia ter algo especial, algum talento que Isabel percebera. Os professores elogiavam minhas redações, falava bem em público e estava sempre bem humorado. Nas rodas de amigos todos riam dos meus chistes. Algumas dessas coisas é que deve ter feito Isabel se apaixonar, eu pensei.

Mesmo ainda sendo sexta-feira, quando cheguei em casa pedi para Dona Genorsina lavar e passar minha calça preta novinha de tergal, minha camisa amarela de popeline. Engraxe os sapatos, vi se tinha gilete nova para colocar no barbeador do meu pai (ele emprestava o barbeador, mas não gostava que se usasse a gilete dele), procurei o frasco de Lancaster que era o perfume da moda para quem não podia comprar os franceses. Meu irmão costumava usar minhas coisas sem autorização e fui verificar se não acabara com meu perfume. Ainda havia um tiquinho lá e então escondi o vidro na estante da sala atrás da Enciclopédia Mérito. Ali meu irmão nunca iria achar. Não vou falar mais dele porque não é importante para essa história. Bem, então, era só esperar pelo domingo à noite para entrar no cinema com Isabel.

Ia me esquecendo de falar do dinheiro. Tive que apelar ao meu pai. Conte que ia levar uma moça ao cinema e precisava de uns trocos. Quanto você precisa? Ele perguntou. Eu disse o tanto que era suficiente para pagar os ingressos, uns chicletes na bomboniere do cinema e na saída comprar dois refrigerantes. Só isso. Só isso uma ova, você vai beijar a mulher e eu é quem paga. Muito engraçado o senhor. Em matéria de dinheiro, meu pai era assim, reclamava, reclamava, mas acabava cedendo. Como

a moeda havia mudado de cruzeiros para cruzeiros novos e a entrada do cinema era NR\$ 1,20, a inteira, mas eu e Isabel pagávamos meia entrada porque éramos estudantes, então, meu pai me deu NR\$ 3,00. Não esperava tanta “generosidade”. Mas quem é moça? Ele quis saber. É a filha do Seu Almeida da farmácia, respondi. Logo com a filha de quem, isso vai dar merda, ele disse. Depois completou, você é quem sabe meu filho, a vida é sua, mas que pode dar merda isso pode.

Domingo demorou uma eternidade para chegar. Enfim chegou. Então, à tarde, fui à fila do cinema para comprar ingressos para a sessão das sete, que era muito disputada. Se deixasse para última hora, podia esquecer, não encontrava um bilhete sequer. Ainda mais naquela noite que a fita era *Três homens em conflito*. Todo mundo estava falando daquele filme. Duas meias por favor, pedi. Um e vinte, disse o bilheteiro. Paguei, recebi os ingressos e o troco.

Quando cheguei a hora de sair de casa, minha irmã também estava toda arrumada e perguntou, onde você vai todo pimpão? Vai levar a filha do farmacêutico no cinema, filha do Almeida, aquele filho da puta. Meu pai parecia indignado, minha irmã não, mas muito surpresa. A I-sa-bel? Não acredito. Tá podendo hein, meu irmão! Bem, eu achava que “tava”. Celeste, estava esperando o namorado, o Tadeu. Também iam ao cinema. Foi por isso que quando deu a hora nós três saímos juntos de casa.

Chegamos ao cinema às seis e meia. Tadeu e minha irmã foram para fila. Quer que a gente guarde lugar para vocês? Tadeu perguntou. Não precisa eu respondi. Isabel só chegou vinte para as sete. Estava bonita que só. Deu-me um beijinho no rosto e segurou minha mão. Quem trouxe você, Isabel? Eu perguntei. Meu pai, mas já foi embora, não se preocupe.

Éramos muito conhecidos, eu e Isabel. Muitos colegas de escola nos viram ali. Isabel cumprimentava todos, parece que fazia questão de mostrar que estava me namorando. Senti muito or-

gulho daquilo. Entramos e na bomboniere, comprei duas caixinhas com pastilhas de hortelã. Sentamos bem no corredor. Isabel continuava cumprimentando as pessoas e eu também. Vez ou outra levantávamos para algum cumprimento mais efusivo. Depois daqui vocês vão pra onde? Quem perguntou foi Marlene, que era nossa colega de sala. Estamos pensando em dançar um pouco no Bola Branca, não é meu bem? Acenei com a cabeça que sim. Gostei muito que Isabel me chamasse de meu bem. Então Marlene se prontificou de nos dar uma carona no Gordini do namorado dela, o Alê.

Passou um tempinho e as luzes começaram a se apagar. O tema de abertura das sessões era a música do filme *Êxodus*, aquela película estrelada pelo bonito Paul Newman. Enquanto essa música ia tocando as cortinas iam se abrindo mostrando aquela tela enorme, toda branca. Antes da função exibia-se *Atualidades Atlântica*, um jornal cinematográfico com notícias atrasadas. Enquanto o jornal era exibido, muito ligeiro, fui pondo meus braços sobre os ombros de Isabel. Nada de saliências, viu? Fui assim advertido, mas não tirei o braço dos ombros dela.

Quando o filme começou, ela inclinou a cabeça para o meu lado. Eu entendi aquela linguagem corporal, também inclinei a minha para o lado dela. Ficamos assim um tempinho como que se um cocuruto estivesse escorando o outro. Pude sentir o cheiro gostoso daqueles cabelos cacheados, o perfume delicado de Isabel. Respirei fundo aquele ar inebriante. Nunca mais esqueci o cheiro gostoso que tinha Isabel. Moderei minhas ações por alguns minutos até que com a outra mão fui tateando seu rosto, sua pele de pêssego. Segurei com muito jeito e carinho aquele queixo e fui trazendo o par de lábios carnudos para junto dos meus. Nem sei quanto tempo durou o melhor beijo que dei em toda minha vida. Naquela noite trocamos outros beijos, muitos outros. Se alguém me perguntasse eu não saberia dizer o enredo daquela película. Muitas vezes ►



▶ ainda ficaríamos olhando um nos olhos do outro até que o filme acabasse. Como eram lindos os olhos de Isabel, clarinhos e cheios de mistérios!

Quando saímos do cinema encontramos Marlene e Alê, entramos naquele Gordini apertado e fomos para o Bola Branca. No caminho cochichei para Isabel que eu estava com pouco dinheiro. Não se preocupe, eu tenho o suficiente, ela disse. Entramos de mãos dadas, e não sei o porquê, todo mundo olhava para nós. Os conhecidos vinham nos cumprimentar, mas não escondiam suas surpresas. Vocês estão namorando? Não estão vendo, claro que sim. Dizia Isabel com um copo de cuba libre na mão. Bebemos naquela noite duas cubas cada um. Isabel foi quem pagou. Dançamos muito e sempre de rostinho e corpos colados. Fiquei até meio fora de mim quando o Biriba Boys, a banda que estava tocando naquela noite entoou "Como é grande meu amor por você", do Roberto Carlos. Vai ser a nossa música, eu disse para Isabel. Estávamos dançando, como já disse, bem coladinhos, ela nem respondeu, mas me deu um selinho e piscou graciosamente como estivesse confirmando que aquela seria a nossa música. Eu sempre soube que casais apaixonados escolhem uma música para celebrar seus sentimentos. E eu estava muito apaixonado

por Isabel. Depois fomos à mesa de Marlene e Alê. Elas pediram licença para ir ao banheiro, então Alê me perguntou como é que eu havia conquistado minha namorada e ainda acrescentou: olha só para você ver, não tem ninguém mais bonita que ela por aqui. Corri os olhos pelo salão. Não tinha mesmo.

Saímos onze horas. Você pode nos deixar em casa, Alê? Pediu Isabel. Ficamos em frente ao portão de Isabel, quando eles foram embora, ela disse, vem cá. Então ela me deu um beijo terno e demorado. Quando nossos lábios descolaram disse, esse é o último. Como assim? Perguntei. Não posso contar, você não merece. Vamos parar por aqui para as coisas não complicarem. Fique certo, não vou esquecer você. Disse isso e entrou correndo, acendendo a luz da varanda e acenado para mim. Não dormi aquela noite e muito mal as seguintes. Que dia esquisito, do êxtase à agonia em tão poucas horas.

Na escola, ela fez de conta que nada tivera acontecido e conversava comigo o que sempre conversara. Só! Passei dias, amuado. Sem vontade de estudar, de fazer

muitas outras coisas. Ainda bem que eu tinha Celeste que sempre fora carne e unha comigo. Minha irmã tentou jogar minha autoestima bem para cima. Fez-me todos os elogios possíveis e acrescentava, que namorada não ia me faltar, etc, etc, etc. Até que um dia ela me disse: tenho uma coisa para lhe contar e é da Isabel. Então diga, eu pedi. A Isabel foi com você ao cinema e depois ao Bola Branca para que todo mundo visse vocês juntos, namorando. Ela queria fazer ciúme pro Vitão. Alguém ia contar pra ele. Esse era o plano dela. Só você não percebeu. Então, esquece aquela criatura.

Quantos anos se passaram e nunca esqueci aqueles beijos no cinema. Quem poderia esquecer? Ela disse na despedida, que eu não merecia aquilo e não iria me esquecer. Meu pai me avisou que aquilo ia dar merda. Deu, mas não do jeito que ele supôs. Pelo que soube Vitão e Isabel não reataram. Depois que terminamos o 3º Científico só fui ver Isabel estampada numa revista fazendo reclame de batom. Continuava muito bonita. A história é essa.

Noutro dia fui cortar cabelo no salão Tabajara, lá no mercado da Torre. Picuí, o barbeiro muito falante, tem boa freguesia e tive que esperar um pouco. Na minha vez ele disse que ia ligar o rádio. Eu falei tudo bem, pode ligar. Ele ligou e não passaram nem cinco minutos quando Roberto Carlos começou a cantar "Eu tenho tanto pra lhe falar/ Mas com palavras não sei dizer/ Como é grande o meu amor/ Por você". Picuí percebeu que eu estava gelado. Não sei o que aconteceu, mas aquelas lembranças chegaram como se fossem muito recentes e não deu para segurar a emoção. Então Picuí perguntou se eu estava sentindo alguma coisa. Olhei bem para ele e disse: estou, mas vai passar, desliga o rádio, por favor. ❖

Luiz Augusto Paiva é bacharel em Matemática, professor e escritor. Tem dois livros publicados, um de contos (*A saudade e outras manias do coração*) e outro de crônicas (*O chapéu do meu avô*). É membro da União Brasileira de Escritores/Paraíba (UBE -PB) e escreve para a coluna "Crônicas em destaque" do jornal *A União*, todas as quartas-feiras. Nascido em Campos do Jordão (SP), reside em João Pessoa (PB).



DOMINGOS SÁVIO

Corria o ano de 2002 quando o artista paraibano Domingos Sávio apresentou este acrílico sobre tela em um Seminário Internacional sobre o Meio Ambiente, realizado no Hotel Tambaú, em João Pessoa (PB). Não deu outra: o quadro que ilustra esta página ganhou o 1º lugar.



“Interessante que de lá pra cá, a coisa só tem piorado, como é o caso das queimadas que estão aí assolando o país. E o nosso papagaio, que é quase um ‘símbolo nacional’, imortalizado através do Zé Carioca, da Disney, hoje se vê entrando para a lista dos animais ameaçados de extinção”, comenta o artista.

Domingos Sávio é natural de Caiçara, no interior da Paraíba. Se mudou para a capital João Pessoa ainda criança e desde cedo, mostrou aptidão para a arte. Aos 10 anos, foi premiado em um salão de desenhos promovido pela Capitânia dos Portos da Paraíba.

Aos 12, começou a colaborar com desenhos para o caderno infanto-juvenil do extinto jornal O Norte. Aos 16, passou a colaborar com o suplemento infantil O Pirralho, do Jornal A União e, aos 20, ingressou definitivamente nos quadros do diário, estreando pela gráfica, onde ilustrava livros, cartazes, revistas etc. Posteriormente, passou a ilustrar as páginas do próprio Jornal A União.

Hoje, aos 59 anos, ele segue na EPC (Empresa Paraibana de Comunicação), onde suas charges, pinturas e desenhos ilustram as páginas do Correio das Artes e de A União.



126
Anos

Fazendo história desde 1893

O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do Mundo. São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 126 anos de história

Fale com A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6544
comercialauniaopb@yahoo.com.br
publicajornaluniao@gmail.com

Peça o seu orçamento (83) 3218.6525
orcamento.auniao@gmail.com

Sugestão de pauta? (83) 3218.6539
uniaogovpb@gmail.com

Diário Oficial (83) 3218.6533
wdesdiario@gmail.com

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518
circulacaoauniaopb@gmail.com

Publicidade Legal (83) 3218.6526
comercialauniaopb@yahoo.com.br



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniando

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: www.sescpb.com.br | (83) 3208.3162